



A SUA UNIVERSIDADE

UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ

MESTRADO PSICOLOGIA

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: PSICOLOGIA SOCIAL COMUNITÁRIA

NARA ANGELA DOS ANJOS

**REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO TRABALHO NO BRASIL NA
PERSPECTIVA DO MIGRANTE HAITIANO**

CURITIBA

2017

NARA ANGELA DOS ANJOS

**REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO TRABALHO NO BRASIL NA
PERSPECTIVA DO MIGRANTE HAITIANO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná, como requisito necessário para a obtenção do título de mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Social Comunitária. Orientadora: Profa. Dra. Gislei Mocelin Polli.

Curitiba

2017

Dados Internacionais de Catalogação na fonte
Biblioteca "Sydnei Antonio Rangel Santos"
Universidade Tuiuti do Paraná

A599 Anjos, Nara Angela dos.

Representação social do trabalho no Brasil na perspectiva
do migrante haitiano/ Nara Angela dos Anjos; orientadora Prof^a.
dra. Gislei Mocelin Polli.

101f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Tuiuti do Paraná
Curitiba, 2017.

1. Representação social. 2. Trabalho. 3. Migração.
4. Haitiano. I. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-
Graduação em Psicologia / Mestrado em Psicologia. II. Título.

CDD – 302

Dedicatória: Dedico essa dissertação aos quinze haitianos que se dispuseram a compartilhar suas experiências e fizeram a pesquisa ser possível.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi possível pela ajuda de várias pessoas que passaram pela minha vida nos últimos dois anos: os professores, a família, os amigos e aqueles que simplesmente incentivaram com algumas palavras de carinho.

Agradeço a professora Gislei, por sua presença constante e sempre pronta a ajudar. Agradeço pelos seus ensinamentos e ao indicar melhorias para o meu trabalho. Por me orientar em todos os momentos com paciência e disposição, demonstrando sempre extremo cuidado e profissionalismo.

Agradeço aos homens da minha vida, meu esposo Ricardo e meu filho Lorenzo por incentivarem e compreenderem a minha ausência em vários momentos. Pelo amor que sempre demonstraram e que foi vital neste período.

A minha amada mãe, Joanna, que com o seu amor faz tudo ficar mais leve.

As minhas irmãs: Maria Anita, que com seu exemplo e conselhos me fez uma pessoa melhor, a Joana pelo seu carinho e apoio e a Cynthia por estar presente.

Ao meu querido irmão Marco pelo carinho e pelas palavras de incentivo.

As minhas sobrinhas irmãs Kellie e Francine que incentivaram e ajudaram na construção dessa dissertação.

Ao professor Valdo que sempre me incentivou e cooperou para que eu pudesse me dedicar à dissertação.

As pessoas da UFPR que se dedicaram a fazer possível a qualificação do servidor.

A assistente social Edésia, por me receber em várias tardes no CEAMIG.

A todos os meus colegas de turma do mestrado pelo companheirismo e momentos divididos.

As minhas amigas queridas da UFPR que sempre estiveram do meu lado, Lorena, Tânia, Eliane, Ana Paula e Lígia. A minha querida amiga Ana Cristina por estar presente em todos os momentos da minha vida. A Jorlene, amiga de longas conversas e carinho.

Finalmente, obrigada a secretaria da Universidade Tuiuti do Paraná que deu todo o suporte e auxílio para a realização desta pesquisa.

RESUMO

Esta pesquisa visou identificar as representações sociais de migrantes haitianos sobre o trabalho no Brasil. Para a aproximação do cotidiano dos haitianos foi utilizado o campo da Psicologia Social Comunitária. A teoria usada como base do estudo foi a Teoria das Representações Sociais, a qual permitiu uma leitura mais apurada de pensamentos compartilhados. A realização da pesquisa ocorreu por meio da aplicação de um questionário e a realização de uma entrevista composta por três perguntas indutoras. As perguntas indutoras se tratavam do que eles pensavam do trabalho no Brasil antes de migrarem, o que eles achavam naquele momento, morando no Brasil e, o que eles imaginavam para o futuro. Participaram do estudo quinze haitianos e a coleta ocorreu em uma sala da Universidade Federal do Paraná e no Centro de Atendimento ao Migrante, em Curitiba/PR. As respostas do questionário foram submetidas ao programa SPSS e analisadas descritivamente. O conteúdo das entrevistas foi tratado pelo programa IRaMuTeQ. O pensamento formado e compartilhado sobre o trabalho no Brasil foi mudando com o passar do tempo. Os resultados das perguntas indutoras foram: a) antes de migrarem imaginavam muitas oportunidades e altos salários. b) já no Brasil, enfrentavam dificuldades com o trabalho pesado e baixos salários. c) o que pensam para o futuro é a esperança que nutrem de um futuro melhor, com um emprego desejado e a família presente. A contribuição dos relatos podem conscientizar a sociedade civil e alcançar os tomadores de decisão na elaboração de políticas públicas no intuito de aprimorar a recepção e os serviços para os migrantes haitianos.

Palavras chaves – Representação Social, Trabalho, Migração, Haitiano.

ABSTRACT

The aim of this research is to identify the social representations of Haitian migrants and work in Brazil. To better suit Haitian's everyday life, it was measured by the Social Psychology Community. The theory used as the basis of the study was the Social Representation's Theory, which allowed an accurate measurement of shared thoughts. The research was performed by questionnaire and by asking three leading questions. The leading questions were regarding what they thought about the work in Brazil before they migrated, and their thoughts at the present time while living in Brazil and what they had imagined to their future. The participants were fifteen Haitians and the research happened at Federal University of Parana and Service Center of Immigrants, in Curitiba/PR's classroom. The questionnaire's answers were subjected to SPSS program and descriptively analyzed. The interview's content was analyzed by IRaMuTeQ's program. The thought formed and shared about the work in Brazil was changing over time. The results of the inductive questions were: a) before migrating, they imagined many opportunities and high salaries. b) in Brazil, facing significant difficulties of heavy work hours and low salaries. c) What they think for the future is the hope they have for a better future, with a desired job and the family present. The interview's contribution can raise civil society awareness and reach out to decision makers in the elaboration of public policies in order to improve reception and services for the Haitians migrants.

Key words: Social Representation, Work, Migration, Haitian.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – DENDROGRAMA DA CLASSIFICAÇÃO HIERÁRQUICA DESCENDENTE (CHD). QUANDO MORAVA NO HAITI O QUE VOCÊ PENSAVA SOBRE O BRASIL?.....	47
FIGURA 2 – DENDROGRAMA DA CLASSIFICAÇÃO HIERÁRQUICA DESCENDENTE (CHD). O QUE VOCÊ PENSA SOBRE O TRABALHO NO BRASIL?.....	54
FIGURA 3 – DENDROGRAMA DA CLASSIFICAÇÃO HIERÁRQUICA DESCENDENTE (CHD). O QUE VOCÊ ESPERA EM RELAÇÃO AO TRABALHO E OPORTUNIDADES PARA O FUTURO?.....	63
FIGURA 4 – REPRESENTAÇÃO DA EXPECTATIVA EM RELAÇÃO AO BRASIL.....	69
FIGURA 5 – REPRESENTAÇÃO DO TRABALHO NO BRASIL.....	71
FIGURA 6 – REPRESENTAÇÃO DO TRABALHO PARA O FUTURO.....	74
FIGURA 7 – REPRESENTAÇÃO SOCIAL DOS TRÊS PERÍODOS.....	76

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS ENTREVISTADOS.....42

LISTA DE SIGLAS

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
CEAMIG	Centro de Atendimento ao Migrante
CERM	Comitê Estadual para os Refugiados e Migrantes no Estado do Paraná
CHD	Classificação Hierárquica Descendente
CONARE	Comitê Nacional para Refugiados
CNIg	Conselho Nacional de Imigração
CRE	Comissão de Relações Exteriores
EUA	Estados Unidos da América
IPO	Instituto Paranaense Otorrinolaringologia
IRaMuTeQ	Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires
MINUSTAH	Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PLS	Projeto de Lei do Senado
RN	Resolução Normativa
RS	Representação Social
STs	Segmentos de Textos
SPSS	Statistical Package for the Social Sciences
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFPR	Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 REVISÃO DE LITERATURA	16
2.1 O HAITI.....	17
2.2 MIGRAÇÃO, HAITIANOS E O BRASIL	22
2.3 LEGISLAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS	25
2.4 PSICOLOGIA SOCIAL COMUNITÁRIA.....	27
2.4.1 Comunidade	29
2.4.2 Aproximações com a comunidade de haitianos	31
2.5 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	32
2.6 REPRESENTAÇÃO SOCIAL, TRABALHO E MIGRAÇÃO	35
3 OBJETIVOS.....	40
3.1 OBJETIVO GERAL.....	40
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	40
4 MÉTODO	40
4.1 DELINEAMENTO DE PESQUISA	40
4.1.1 Participantes.....	40
4.1.2 Instrumentos.....	43
4.1.3 Procedimento	43
4.1.4 Análise de dados	44
5 RESULTADOS.....	45
5.1 REPRESENTAÇÃO SOCIAL SOBRE O TRABALHO NO BRASIL ANTES DE IMIGRAR	46
5.2 REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO TRABALHO NO BRASIL.....	53
5.3 REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO TRABALHO E O FUTURO	61
6 DISCUSSÃO.....	68
6.1 ALGUMAS OBSERVAÇÕES NA ÓTICA DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL.....	68
6.2 O MIGRANTE HAITIANO E O TRABALHO	77
6.3 ALGUMAS REFLEXÕES COM ENFOQUE NA PSICOLOGIA SOCIAL COMUNITÁRIA	81
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	87
APÊNDICE I – Instrumento de Coleta de dados - Questionário.....	94
APÊNDICE II – Instrumento de Coleta de Dados – Roteiro de Entrevista	97
APÊNDICE III – Termo de consentimento livre e esclarecido	98

1 INTRODUÇÃO

As intensas imigrações pelo mundo marcaram nas últimas décadas o contexto internacional, com trânsito de pessoas em todos os lugares e em novas direções com novas consequências. Esses indivíduos ao migrarem carregam consigo uma identidade global, fruto da influência da mídia, da tecnologia e de um estilo consumista de vida decorrente da dinâmica das grandes cidades. Por outro lado, os deslocamentos contínuos fazem com que pessoas de origens diversas se cruzem, essas pessoas carregam consigo características e costumes que podem contrastar com os lugares que chegam. Mas quando essas pessoas se estabelecem acabam por influenciar esses novos ambientes e por eles também serem influenciados. Estas situações, características de migração e vivenciadas na atualidade, fomentam uma troca intensa de informação e de cultura entre os indivíduos, que revela uma conexão com o que acontece no local com o mundo (Dantas, Ueno, Leifert & Suguiura, 2010, Zanforlin, 2012).

No movimento das pessoas pelo mundo os países preferidos para imigrar são os mais desenvolvidos como Estados Unidos, Canadá e França, mas após os ataques terroristas que atingiram os EUA em setembro de 2001, houve um endurecimento das regras para a entrada de imigrantes nesses países, assim outros países são considerados como opção. No Brasil, a imigração teve momentos de pico no passado, e, volta a ser vista como oportunidade pelos novos imigrantes depois de 2008. Esta escolha pode ser considerada não somente pela situação do país de origem, mas também pelo momento que o Brasil passava devido às mudanças na economia nas últimas duas décadas. Com resultados positivos nas áreas econômicas e sociais, a expectativa de grandes eventos como a Copa do Mundo em 2014 e a Olimpíadas em 2016 (Cogo, 2013, Fernandes & Ribeiro, 2015, Pimentel & Cotinguiba, 2014).

O contexto da imigração dos haitianos para o Brasil faz parte de um conjunto de diferentes elementos motivadores que se unem ao cenário trágico do terremoto de 2010. O terremoto foi um dos fatores que contribuiu fortemente para o agravamento de situações vividas ao extremo que já faziam parte do contexto social tais como desemprego, pobreza e situações políticas insuportáveis (Pimentel & Cotinguiba, 2014).

Após o terremoto, a entrada de haitianos no Brasil foi mais expressiva, apesar de ser considerada modesta se comparada à imigração com outros países. A procura dos haitianos pelo Brasil está ligada não somente a pobreza e ao terremoto, mas também as vinculações existentes entre o Brasil e Haiti, que antecedem ao terremoto. Outro fator são as trocas sociais evidenciadas com a presença e ação do exército brasileiro e de organizações não governamentais (ONGs) no Haiti, antes e depois do terremoto bem como a abertura do governo brasileiro, que se posicionou de forma receptiva facilitando a entrada dos haitianos (Cogo, 2013).

Os números começaram tímidos, segundo Fernandes e Ribeiro (2015) em torno de 200 haitianos cruzaram a fronteira brasileira no Peru em 2010, 4.000 haitianos já estavam no Brasil em 2011, e aumentando, em torno de 20.000 em 2013, com a possibilidade de chegar a um total de 50.000 imigrantes em 2014. Dados mais recentes da Polícia Federal apontam que em 2015 havia 117,341 mil estrangeiros registrados no Brasil, na classificação dos estrangeiros, os haitianos ficaram na terceira posição com 60,53 mil imigrantes registrados, e, de acordo com os dados do Comitê Nacional para Refugiados (CONARE, 2016) estão entre as cinco maiores nacionalidade em solicitação de refúgio, com 48,371 mil pedidos em março de 2016.

Esta demanda mexeu com a sociedade e vem acompanhada de desconfiança e desafios. O fluxo constante de entrada de imigrantes acarretou a espera de uma resposta das autoridades e o alerta para a responsabilidade de garantir os direitos humanos desses indivíduos. Diante deste momento que se configurava no Brasil, de imigrantes chegando numa situação de extrema vulnerabilidade, o governo brasileiro viu-se na condição de agir com uma “solução humanitária”. Assim, tendo como base a Resolução Normativa n. 97 de 12 de janeiro de 2012, o Conselho Nacional de Imigração (CNIg) elabora trâmites especificamente para os haitianos para permitir a sua permanência no Brasil (Fernandes & Ribeiro, 2015, Fernandes, Milesi & Faria, 2011).

Depois da resolução normativa vieram outras resoluções para alterar a primeira, sempre na tentativa de ajustar a demanda e a entrada irregular dos imigrantes haitianos. O texto da resolução normativa n. 97, com alterações, diz que a pessoa nascida no Haiti terá direito ao visto permanente por razões humanitárias, válido por cinco anos. Consideram-se razões humanitárias o agravamento das condições de vida da população haitiana causadas pelo terremoto. E que antes do

término dos cinco anos de permanência no Brasil, o haitiano deverá comprovar que está trabalhando para adquirir a convalidação da sua permanência no país e expedir nova cédula de identidade de estrangeiro.

Esta iniciativa governamental mostra a preocupação com a entrada de haitianos e a necessidade de uma resposta do governo brasileiro, no que se refere a uma lei que trate de circunstâncias como esta. Por outro lado, a situação indica que ações a favor dos migrantes, no Brasil, devem ser tomadas de forma a ligar vários órgãos governamentais, na intenção de integrar os migrantes à sociedade brasileira, no desenvolvimento de políticas públicas que atendam esta demanda, pois ao entrar em um novo país as pessoas demandam soluções imediatas para garantir a sua sobrevivência: de trabalho, de moradia e de assistência médica.

Ao se deslocar para o Brasil, o haitiano traz traços de sua história e uma rede de relacionamentos formada pelos parentes que ficaram no Haiti, bem como pelas pessoas que chegaram antes dele no país. Com os familiares, além dos laços sentimentais, tem o compromisso de ajudar e enviar dinheiro, já os contatos no Brasil são o ponto de apoio e referência no novo destino. Percebe-se como é importante manter essas redes migratórias existentes e também de criar novas redes. A interação dessas redes tem por objetivo reforçar a ajuda entre si e a ocasionar um conforto no país destino (Cogo, 2013). Esses laços ajudam a coibir o sentimento de estranheza ao chegar à sociedade destino ou serem tratados de forma diferente pelos que os recebem. A integração pode ser difícil e levar tempo e assim lembra Fernandes e Ribeiro (2015) que muitas vezes a convivência e as relações entre os haitianos podem acabar sendo somente entre eles.

Guareschi (1996) quando fala das relações lembra que ao serem construídas em um contexto diferente, os indivíduos, pelas características que compartilham (história e a cultura) acabam por trilharem um caminho natural de uns em direção aos outros. Estes movimentos de interação caracterizam relações entre as pessoas, e onde existem relações, existe um grupo, que relaciona entre si e divide algumas regras e metas. Há uma identificação de vida, do ser e não do ter. O grupo se caracteriza pela experiência histórica, formada num período de tempo, de relacionamento, e, ao mesmo tempo carregam para o presente situações gerais da sociedade que vivem (Guareschi, 1996; Martins, 2003).

O grupo, na convivência compartilha significados, no entanto, o grupo, caracterizado na psicologia comunitária, conduz diferenças socioculturais que

devem ser observadas. No cotidiano das pessoas participantes de um grupo há o processamento e a construção de pensamentos e interpretações sobre a atividade social, que é como elas representam o mundo. Com a teoria das representações sociais é possível identificar as experiências que o grupo vive e divide nos seus relacionamentos. Esta interpretação da realidade irá influenciar na conduta dos indivíduos e no que eles irão contar aos outros componentes do grupo, esta troca resultará em práticas cotidianas que serão, com o passar do tempo, renovadas e transformadas, construindo assim novas representações (Campos, 1996).

A teoria das representações sociais considera que ao tentar entender a realidade ao seu redor, no caso, uma nova situação de vida, novos parâmetros e relações, as pessoas se apropriam de conhecimentos para criar explicações para as situações vividas (Polli & Camargo, 2010). Como fenômeno, as representações sociais envolvem a vida social do indivíduo, interiorizando experiências, práticas, modelos de condutas e pensamento. Ao interiorizar o que vê, o indivíduo realiza o processamento do pensamento, da realidade exterior e depois reconstrói no seu psicológico e exterioriza no social (Jodelet, 2001).

O que os migrantes haitianos pensam sobre o trabalho no Brasil, quais conhecimentos trazem e o que pensam em relação ao futuro? Procurar reconstituir uma realidade assimilada a partir da visão do dia a dia do migrante. Considerar o pensamento que ele construiu no processo de vida no Haiti e no Brasil. A partir do uso da teoria das representações sociais como alicerce deseja-se dar voz ao migrante. Pretende-se identificar qual foi o pensamento formado sobre o trabalho no Brasil e o que o motivou a mudar, entender se o que ele “imaginava” se concretizou ao procurar e achar um trabalho. O que migrante espera que possa mudar na sua vida profissional naquele momento para o futuro. Diante destas considerações pode-se indicar que esta investigação tem como problema de pesquisa: Qual a representação social do migrante haitiano sobre o trabalho no Brasil?

A presente dissertação está organizada em sete capítulos. No capítulo um encontra-se a introdução. O segundo capítulo trata da revisão de literatura, onde os temas foram tratados em subitens. Os assuntos abordados são: um breve histórico do Haiti, sua situação econômica e social, a migração haitiana e como ela foi tratada pelo Brasil; a legislação sobre imigração e as políticas públicas, a psicologia social comunitária e a teoria das representações sociais.

A base teórica dos temas listados, na apresentação do segundo capítulo, foi feita a partir de uma revisão da literatura científica, principalmente no período de 2010 a 2016 no Brasil e América Latina. Com base em artigos, livros, teses e dissertações foram relacionados o processo de migração dos haitianos após o terremoto de 2010, com os desafios que esta migração trouxe para o governo brasileiro e principalmente para os migrantes. A psicologia social comunitária possibilita fazer a análise e deixar que um grupo de pessoas com características próprias que estão inseridos na sociedade brasileira falem de si. A teoria das representações sociais é a base que sustenta os dados levantados e o conjunto da análise.

No terceiro capítulo são abordados o objetivo geral e os objetivos específicos. O quarto capítulo é sobre a proposta metodológica que conduziu a pesquisa. No capítulo cinco são apresentados os resultados das entrevistas, com descrição das três perguntas temáticas, bem como a apresentação das classes e a análise das respostas. No capítulo seis são retomados alguns apontamentos, feitos pelos entrevistados, com foco na representação social na perspectiva da psicologia social comunitária. No capítulo sete são feitas as considerações finais. E finalmente, as referências e os apêndices respectivamente.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Nesse tópico serão trabalhados itens importantes para a organização desta dissertação. Será apresentado o Haiti, sua situação econômica, a ocorrência do terremoto e a migração, trazendo o contexto que propiciou e estimulou a saída dos seus nativos em direção ao Brasil, a legislação do país e a inclusão dos imigrantes. Em seguida a presença adequada da psicologia social comunitária, no tocante a comunidade haitiana no Brasil, da questão individual e social ao modo de vida e trabalho. O referencial teórico adotado é a Teoria das Representações Sociais, há a apresentação da teoria e a utilização dela com o tema de pesquisa, o trabalho e a migração.

2.1 O HAITI

Um pequeno país de 27.750 km² situado no Caribe, região do continente americano que é 9,8 vezes menor que o estado do Rio Grande do Sul, seu nome, Haiti, significa terra montanhosa. O país ocupa aproximadamente 1/3 dos 75.000 km² da ilha que hoje fazem parte o Haiti e a República Dominicana. O Haiti é composto em sua maioria de habitantes negros (mais de 95% do total) e um pequeno número os brancos. A ilha, onde se encontram os dois países, foi chamada pelo primeiro colonizador Cristóvão Colombo de *Hispaniola* – que significa pequena Espanha. No período colonial, a Espanha e a França exploraram esta ilha, a primeira entre 1492 a 1697 e a segunda de 1697 a 1804. Nas ocupações o povo nativo foi escravizado e dizimado, no maior genocídio da história, tribos inteiras desapareceram. A oficialização da ocupação francesa no Haiti foi através do Tratado de *Ryswick* de 1697, os franceses deram o nome de *Saint-Domingue* (São Domingos), neste episódio foi desenhado as fronteiras que corresponde ao Haiti atual (Câmara, 1998; Dalberto, 2015; Zamberlam, Corso, Bocchi & Cimadon, 2014).

Os franceses, empolgados com o sucesso da cana de açúcar plantada no Brasil, colônia portuguesa, investiram no seu plantio e de outras especiarias na sua colônia. No auge da sua produção, em 1780, a colônia de *Saint-Domingue*, era a maior produtora mundial de açúcar, conhecida como “Pérola das Antilhas”, sozinha, era a mais lucrativa de todas as colônias francesas. Vale notar que toda esta riqueza era resultado do esforço e trabalho de escravos que nesta época contabilizavam 500 mil africanos. Com o passar dos anos a situação de humilhação e exploração destes escravos trouxe o conflito para o meio da relação com os colonizadores (Dalberto, 2015; Silva, 2010).

Na colônia de *Saint-Domingue* derrotas eram impostas aos colonos resultado da união dos escravos que se revoltavam com a situação de exploração. Em 1790 em uma das revoltas um rebelde se proclamou governador da ilha e forçou o retorno à França de autoridades que estavam lá para manter a ordem. A abolição da escravatura foi conquistada em 1794 e a expulsão de espanhóis e franceses foi imposta nos anos seguintes. Novas rebeliões aconteceram e também a separação do oeste da ilha, que resultou na independência da colônia em 1804, quando o nome Haiti foi adotado, substituindo o nome da antiga colônia, *Saint-Domingue* (Casimir, 2012; Dalberto, 2015; Silva, 2010).

A ex-colônia rica, que explorava o trabalho escravo mostra a contradição com o drama vivido pelo povo. As experiências de desigualdade e desrespeito vividas pelo Haiti atualmente podem ser sequelas das injustiças sofridas pelos negros (Silva, 2010). As vitórias, as batalhas e a conquista de independência são lembradas até os dias atuais como motivo de orgulho ao seu povo, no entanto, se contrastam com o país que se conhece hoje, com graves problemas sociais e econômicos. A pergunta continuamente feita é porque depois de uma conquista sempre lembrada e valorizada a situação econômica e de vida das pessoas não melhorou? Silva (2010) fez um trabalho de pesquisa com vários autores que recontam a história do Haiti, a descrição mais legítima que o pesquisador chegou é a que o país em todas as suas passagens históricas foi sofrendo ausências.

Tomich (2009) destaca que os europeus não receberam a revolução que resultou na independência do Haiti como um grande acontecimento. Havia um silêncio geral da comunidade internacional. Desta época, segundo Silva (2010), o povo haitiano conduz consigo a dificuldade de modificar o sistema político, na luta pela independência não existiam lutas ideológicas, era o poder pelo poder. Havia, conforme relata Casimir (2012), a influência do Ocidente que controlava o Estado e este aos recursos que eram passados ao trabalhador haitiano caracterizando assim, uma rede de poder e comando. A visão de direitos humanos ficava restrita a vida privada haitiana sem conseguir alcançar o sistema político nacional ou colonial. Havia ausência de consenso, de um mínimo de entendimento mútuo, uma lacuna na comunicação, em vários níveis, deixando o país em constante instabilidade, que muitas vezes é usada nas narrativas para justificar invasões e ações políticas (Silva, 2010).

Houve uma constatação dos autores (Silva, 2010; Tomich, 2009) que o interesse pessoal esteve em muitos momentos agindo disfarçado de ações sociais. Este comportamento barrava uma conquista efetiva da cidadania. Os haitianos nascem num processo de resistência, de uma liberdade alcançada e não exercida, sem direção e sem clareza, com muitas lacunas, na educação, na participação política, no exercício da liberdade e falta de uma relação de diálogo entre líderes e liderados, com a ausência de um governante que conseguisse educar e mostrar o caminho de desenvolvimento moral e da civilização (Tomich, 2009). Muitos traços configuraram esta nova nação, que manteve uma conexão enraizada com a França

sem conseguir ter características próprias, sem considerar o que é vantagem ou desvantagem, particularidades e complexidades da história haitiana (Casimir, 2012).

Uma marca nos governos haitianos era a ausência de programa de governo, de discurso político, de liberdade de expressão sem canais de comunicação entre o povo e o governo. O povo haitiano tem histórico de governos autoritários, só conheceu ditaduras. O primeiro dirigente do Haiti independente, Jean-Jacques Dessalines, ex-escravo, nascido na África, chegou a esta liderança por méritos militares, manteve-se no poder por dois anos, sendo assassinado por adversários políticos que disputavam o poder, o marco da primeira crise após três anos de independência (Silva, 2010).

Os Estados Unidos ocuparam o Haiti durante o período de 1915-1934, com a justificativa de levarem a “estabilidade” ao governo haitiano, que passava por momentos difíceis, sem líderes expressivos ou confiáveis, que pudessem indicar caminhos para a recuperação da economia e instaurar um sistema administrativo eficaz. Os EUA tinham interesse no país pela sua localização, importante na estratégica geopolítica, com portos bem localizados de entrada para o Golfo. A ocupação americana, a forma de controle imposta levou os haitianos a reviverem, de muitas formas, os tempos da colonização com características daquela época, sendo expostos novamente a perda da liberdade que foi conquistada pelos seus antepassados (Câmara, 1998; Dalberto, 2015; Silva, 2014).

A partir de 1915 enfraquece a ação política voltada à população, o estado desenvolve as suas tarefas políticas direcionadas aos Estados Unidos e ao resto da comunidade internacional (Casimir, 2012). A invasão dos Estados Unidos é citada por Silva (2010) como a semente de um autoritarismo muito pior do que ainda estava por vir, enquanto outros consideraram como um projeto modernizante. A ocupação que durou vinte anos, na qual os Estados Unidos escolheram a elite mestiça para conduzir o poder, criaram uma força militar para conter rebeliões e manter a ordem (Matijascic, 2010).

Nos anos seguintes, 1934 a 1956, seguem disputas internas pelo poder trazendo instabilidade política. E, em 1957, François Duvalier (ou *Papa Doc* como era conhecido) assume o poder e instaura um sistema político ditatorial. Na campanha eleitoral fazia discursos e prometia lutar pela população negra, no entanto, ao vencer, demonstrou que seu discurso era demagógico. As ações se comprovaram diferente do prometido, com um governo extremamente autoritário,

perseguindo inimigos e aterrorizando a população com milícias que usava para impor a sua força. François Duvalier era respaldado pelo governo americano por sua posição anticomunista e pelos EUA temerem um avanço da União Soviética (Dalberto, 2015; Escoto, 2009).

Foram quatorze anos de tirania. Em 1971 antes de sua morte, François Duvalier usou o seu poder para mudar a lei para facilitar que seu filho assumisse o governo com uma idade abaixo do permitido. Com a lei modificada em 1971 Jean-Claude Duvalier, o *Baby Doc*, assume o poder e permanece por quinze anos, dando continuidade ao governo opressivo de seu pai. Na década de 1970 os Estados Unidos, através de seu presidente Jimmy Carter, e, em defesa dos direitos humanos, exigiu o fim dos abusos da ditadura. O presidente haitiano fez alguns ensaios nesse sentido liberando alguns presos políticos. No entanto, no governo de Ronald Regan, na década de 1980, com a retomada do anticomunismo a aparência democrática deu lugar novamente ao autoritarismo (Escoto, 2009).

Nos anos seguintes devido às pressões externas (com a democratização de países da América Latina) e a crise econômica que passava o Haiti, o presidente Jean-Claude Duvalier promove algumas mudanças na constituição, visando agradar outros líderes e apoiadores, que seguiam insatisfeitos, visando implantar um regime multipartidário, no entanto, sem mexer no seu cargo vitalício e no direito de nomear o seu sucessor. As medidas tomadas não agradaram nem mesmo as pessoas favoráveis ao seu governo e criaram uma instabilidade que minou o seu poder. Com a pressão externa e interna, em 1986, Jean-Claude Duvalier foge do país (Dalberto, 2015; Escoto, 2009).

A saída de *Baby Doc* e o período que se seguiu foram conhecidos por relevantes acontecimentos mundiais como o fim da Guerra Fria (1991) e a queda do muro de Berlim (1989) foram marcos históricos que fizeram as organizações internacionais mudarem o foco do discurso, a preocupação com a segurança dá lugar à preocupação com a democracia, que é vista como uma forma mais segura de se governar, e os ataques a ela são encarados como ofensas a paz. A violência e os conflitos são apontados como consequência de governos mal administrados. A comunidade internacional toma um posicionamento de não aceitar os países não democráticos, entendendo que o Estado de Direito (segurança como parte do desenvolvimento) é essencial para todos os projetos ocidentais de política liberal

estrangeira, e que as intervenções internacionais, especialmente as operações de paz devem englobar o elemento Estado de Direito (Dalberto, 2015).

Após um período de instabilidade política e sob a influência da comunidade internacional, que enviou observadores estrangeiros para atuaram nas eleições de 1990, o Haiti elege como presidente Jean-Bertrand Aristide. Esta ingerência estrangeira na eleição marcou a primeira fase da presença da Organização das Nações Unidas (ONU) no país. Oito meses após a sua posse e da democracia recém-instaurada, o governo de Aristide sofre um golpe militar, devido à insatisfação da burguesia, dos militares haitianos e dos aliados internacionais com as medidas sociais adotadas pelo novo presidente (Dalberto, 2015).

O país, sem governante legítimo, faz com que a ONU em 1994, na primeira vez da sua história, sancione formalmente o uso da força através de uma resolução, na qual autoriza os Estados Unidos a formarem uma força multinacional para retornar ao Haiti em outra missão de paz, com o “objetivo de ocupar, controlar e terminar com o domínio extraconstitucional dos militares, empregando todos os meios que fossem necessários” (Dalberto, 2015, p.60), autorizando a Aristide que retornasse ao cargo em 1994, com o apoio e influência do governo norte americano.

Em 1996, na primeira vez no país há uma transição entre dois presidentes democraticamente eleitos, assume o poder, René Preval. Nos governos subsequentes, crises acontecem com perdas de recursos internacionais e a constante incapacidade dos governantes de tirar a população da pobreza, sucessão de governos corruptos que ao invés de investirem em produção sugavam o dinheiro da cooperação internacional para investir em contrabando (Silva, 2010).

Assim, uma nova missão da ONU é autorizada a qual prepararia o terreno para a chegada das tropas de uma nova operação a Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH) logo depois autorizada. Esta operação de paz tinha um prazo de seis meses a partir de 2004, mas ainda hoje não chegou ao fim (Dalberto, 2015). A MINUSTAH no Haiti conta com tropas instaladas de vários países, inclusive do Brasil, que aceitou contribuir com a missão em 2004, desde então se tornou a mais importante colaboração do Brasil às operações de paz da ONU e o maior deslocamento militar desde a Segunda Guerra Mundial (Souza Neto, 2012).

Em 12 de janeiro de 2010 um terremoto abalou o Haiti. O epicentro foi a cidade de Porto Príncipe, capital do Haiti, desestabilizando o país, inclusive afetando

a ONU pela destruição da sede da MINUSTAH e com a perda de funcionários civis e militares (Souza Neto, 2012). Conforme dados da *Human Rights Whatch* (2011), o terremoto deixou 222.000 mortos e 1,6 milhão de pessoas perderam suas casas, de modo que a situação do país piorou muito. O terremoto ocasionou novas situações difíceis no país, o qual já sofria com problemas políticos, econômicos, raciais e sociais. Após o terremoto, a imigração para o Brasil aumentou significativamente e começou a chamar a atenção da mídia e do governo brasileiro.

2.2 MIGRAÇÃO, HAITIANOS E O BRASIL

A referência feita à pessoa que está em movimento pelo mundo passa por algumas nomenclaturas. A emigração é o deslocamento da pessoa quando sai do lugar onde nasceu para o exterior. Ao mesmo tempo em que deixa o seu país este emigrante torna-se um imigrante ao entrar em outra territorialidade nacional. Já o migrante é aquele que parte de um lugar para outro por um período de tempo (Pimentel & Cotinguiba, 2014).

O fluxo migratório não era novo para o povo haitiano antes do terremoto, vários países já eram escolhidos para recomeçar as suas vidas antes deste acontecimento trágico e por motivos não menos dramáticos: fugir da pobreza, da instabilidade, da falta de perspectiva por viver em um país desprovido de condições de sobrevivência dignas. Os que tinham a opção real de sair dali começaram a planejar e executar a intenção de migrar. O Brasil se tornou mais fortemente um dos preferidos para emigrar, pois tem uma língua de origem latina, mostrava-se um país de oportunidades, grande, de tamanho continental, o que poderia sugerir muitas opções de vagas de trabalho, e outro fator remete-se a presença dos militares e ONG's de brasileiros no Haiti (Cogo, 2013).

A decisão de migrar para o Brasil pode ir além do estado de pobreza que vivia a população haitiana e da ocorrência do terremoto. Há ainda outros motivos, para Thomaz (2013), os haitianos vieram atraídos pela posição do país como um mercado emergente, o que alimentou a perspectiva de emprego, e ainda pelos projetos desenvolvidos pelos brasileiros dentro do Haiti. O trabalho foi também o motivador de mudança de realidade, de movimentos migratórios, e também porque as suas primeiras opções América do Norte e a Europa, dificultam as entradas de

estrangeiros. Dados levantados por Cavalcanti, Oliveira e Tonhati (2014) destacam que entre 2011 e 2013 o número de imigrantes no mercado de trabalho formal no Brasil cresceu 50,9%, e, entre os imigrantes, os haitianos passaram a ser a maior nacionalidade no mercado formal em 2013.

O Brasil recebeu e recebe muitos imigrantes, o número e o tipo de imigrações variam de tempos em tempos com grupos com características e objetivos distintos o que acarretou tratamentos diversos em relação às políticas sociais voltadas aos imigrantes (Patarra, 2005). Desde 2008 o fluxo migratório de haitianos para o Brasil vem aumentando, mas após o terremoto em 2010 ele se intensificou. Segundo o Ministério das Relações Exteriores (MRE), o Brasil emitiu até julho de 2015 aproximadamente 26 mil vistos humanitários para imigrantes haitianos. O governo federal concede visto permanente por razões humanitárias desde 2012, sem ter qualquer vinculação prévia a algum trabalho.

Segundo Patriota (1994) no Relatório da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento, que aconteceu no Cairo, em 1994, no capítulo X é onde a questão da migração internacional é tratada, considera-se como lado positivo da migração o migrante enviar dinheiro para o seu país de origem e trazer mão de obra para o país receptor. No entanto, a saída do país de origem pode gerar conflitos. É importante conhecer a causa da migração. O relatório ressalta a importância de se considerar os recursos financeiros do país receptor e as consequências para os dois países, o que recebe e o país de origem. Pensar um modo de contribuir positivamente com essa migração, promovendo crescimento justo, incentivando o aprimoramento do potencial do migrante e consequentemente o desenvolvimento do seu país de origem.

O relatório, citado por Patriota (1994), faz uma classificação em relação à documentação e considera o migrante regular, que satisfaz os direitos legais para entrar, este, com o tempo, adquire a sua permanência, a ele deve ser estendido os mesmos direitos humanos básicos dos nacionais. Em relação aos migrantes irregulares, o relatório recomenda que reduza o seu número, preservem-se os seus direitos humanos básicos e proteja-os contra o racismo, xenofobia e etnocentrismo.

A entrada de haitianos no Brasil começou de maneira fraca em dezembro de 2010, com aumento crescente nos anos seguintes, conforme informações trazidas por Pozzetti e Tamer (2013) e Mamed e Lima (2015), os que chegavam eram na sua maioria jovens e homens que vinham trabalhar para quitar dívidas e mandar dinheiro

para a família. Nos primeiros anos, depois do terremoto de 2010, os haitianos vinham das regiões próximas à capital do Haiti, epicentro do terremoto, mas nos últimos anos têm chegado de outras regiões. A mudança de perfil entre os que chegaram, logo após o terremoto, foi percebida por Pozzetti e Tamer (2013) e Mamed e Lima (2015) em relação à escolaridade, por exemplo, no primeiro ano dentre os que chegaram à fronteira acreana, alguns diziam ter experiência profissional e formação superior, mas nos últimos dois anos (2014 e 2015) a formação constatada era de o equivalente a ensino fundamental e médio.

O caminho que os imigrantes fazem até chegar ao Brasil segue usualmente pela República Dominicana com entradas pelo Peru, Panamá, Equador ou Bolívia. Ao chegar ao Brasil concentram-se pela fronteira norte, a mais difícil de controlar (Canto, 2015), pelos estados do Acre e Amazonas, este último em maior número 62,6% e no Acre 34,0%, dados baseados no número de pedidos de refúgio entre 2010 e 2011, obtidos no CNIg (Fernandes, Milesi & Farias, 2011). Após desembarcarem no Brasil os haitianos encaram muitas dificuldades, principalmente a de comunicação, pois falam basicamente a língua *creóle*. No entanto, os haitianos são bem acolhidos, o Brasil mudou leis e facilitou a entrada no país através de suas embaixadas, eles conseguem um visto de permanência por motivos humanitários que é válido por cinco anos, após devem comprovar que trabalham para obter permissão para ficar por mais tempo (Thomaz, 2013).

Segundo dados da polícia federal, até março de 2016, 48.371 haitianos tinham entrado com pedido de refúgio (ACNUR, 2016). Os imigrantes chegam em busca de trabalho e o aumento da economia de serviços nas cidades globais proporcionou o aumento da entrada de estrangeiros, que vêm atraídos por essa demanda, reflexo da situação do país de origem, geralmente precária, e, chegam aqui com baixa qualificação. Exercem atividades em setores domésticos, construção civil, serviços em geral, trabalhos basicamente manuais (Villen, 2012).

A fuga da situação de pobreza do país e a procura ávida por emprego reflete a vontade de trilhar novos caminhos e alterar o seu *status* social. A rota dos haitianos é idealizada, basicamente, pela busca de trabalho. Sujeitam-se a situações de perigo e ameaça visando mudanças, inclusive de perspectiva. Ao tocar o solo brasileiro acumulam adversidades, a carência na recepção, dificuldades no transporte agregados ainda aos problemas sociais e psicológicos (Mamed & Lima 2015).

Por isso uma visão ampliada desses migrantes como integrantes da sociedade é vital, e as suas necessidades devem ser observadas. O haitiano chega para preencher vagas de serviços com baixos salários, informais e muitas vezes temporários (Mamed & Lima 2015). O trabalhador migrante que, por falta de qualificação e opção, entra no mercado de trabalho para executar atividades basicamente manuais, vê-se numa situação de sujeição de exploração, de ritmo pesado, com condições de trabalho deploráveis e baixa remuneração. Uma precariedade que se estende na condição da sua vida, na habitação, saúde e educação (Villen, 2012).

2.3 LEGISLAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS

Os direitos fundamentais e os direitos à dignidade da pessoa humana são condicionantes mundiais, não deve limitar-se ao Estado. Quando uma pessoa é atingida em seus direitos fora de seu país de origem, a defesa desses direitos é um compromisso a ser respeitado e defendido por qualquer nação (Pozzetti & Tamer, 2013). No Brasil, a Constituição de 1988 traz os direitos humanos inseridos nos direitos fundamentais no artigo 5º, estendendo o tratamento igual aos estrangeiros residentes no país. No artigo 3º, inciso IV consta que é dever do estado promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade ou quaisquer outros tipos de discriminação. A constituição do Estado do Paraná de 1989 confirma o respeito à Constituição de 1988, bem como à dignidade da pessoa humana, reafirma os direitos humanos e promoção do bem de todos.

A comunidade internacional, segundo o Plano Estadual de Políticas Públcas de 2014, preocupou-se com mecanismos que pudesse propiciar uma proteção mais generalizada aos migrantes depois da Segunda Guerra Mundial, as primeiras normativas internacionais datam de 1951, nas quais a ONU publicou a Convenção sobre Estatuto dos Refugiados. Considerando refugiado a pessoa que, temendo ser perseguida em seu país por motivo de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se afasta de seu país e evita voltar. No Brasil, a Convenção se tornou efetiva com o Decreto n. 99.757 de 1990, que estabeleceu limites legais para o tratamento dos refugiados, prevendo o mesmo tratamento dado aos nacionais, quanto ao acesso ao judiciário e assistência jurídica; direito ao exercício de

profissões assalariadas; ensino primário público; direitos trabalhistas e previdência social.

Na legislação sobre a imigração há a Lei n. 6815 de 1980, intitulada de 'Estatuto do Estrangeiro', promulgada em plena ditadura militar, tratava a migração como questão de segurança nacional, se mostrando no decorrer dos anos, inadequada às novas ondas migratórias (Canto, 2015). Foi a partir desta lei que foi criado o Conselho Nacional de Imigração (CNIg), órgão ligado ao Ministério do Trabalho e Emprego. O CNIg obteve um papel mais definitivo para normatizar a entrada dos haitianos a este conselho estão relacionadas 49 resoluções que orientam a política imigratória. A solução encontrada foi para que os pedidos (de refúgio) fossem enviados ao CNIg, o qual autorizou a concessão de residência permanente, por motivos humanitários, tendo como base a Resolução Normativa n. 97 de 2012, que dispõe sobre a autorização do visto permanente previsto no art. 16 da Lei n. 6815 de 1980 (Mozine, Freitas & Rodrigues, 2012).

O Ministério do Trabalho regulamentou a entrada dos haitianos, este foi o caminho encontrado, já que eles não se enquadram como 'refugiados', pois não pode ser considerado refugiado quem foge de um desastre natural. Assim, a Resolução Normativa n. 97 de 2012, além de regulamentar a entrada ilegal dos haitianos, visou coibir a ação dos 'coiotes' (pessoas que conduzem imigrantes, após pagamento, por travessia ilegal em áreas de fronteira), o visto permanente foi concedido por um prazo de cinco anos por razões humanitárias, considerada pela deterioração da condição de vida dos haitianos agravada pelo terremoto (Canto, 2015). A Resolução Normativa n. 97 de 2012 foi alterada pela RN n. 102 de 2013 e prorrogada quatro vezes sendo que a última tem validade até outubro de 2017 (Brasil, 2017).

Essa migração de haitianos pode ser considerada, de acordo com Canto (2015), uma das maiores ondas migratórias para o Brasil desde a Segunda Guerra Mundial, e exigiu e exige que ações sejam tomadas. Há alguns programas sociais que são facilitados aos imigrantes e outros que ainda precisam de lei específica. Patarra (2005) destaca que, o Sistema Único de Saúde (SUS), por ter uma regulamentação universalista, faz o atendimento a todos. Os estados brasileiros têm certa autonomia em relação ao ingresso de imigrantes e seus filhos ao ensino público fundamental, no entanto, filhos e familiares de imigrantes sem documentação, em situação ilegal, dificilmente conseguem vagas em escolas

públicas. Para Patarra (2005) deve-se ter reformulação e ampliação das políticas e ações frente à nova situação, considerando as especificidades dos grupos que chegam, para dar conta de garantir os direitos humanos dos migrantes e suas famílias. Os compromissos assumidos na conferência sobre Direitos Humanos devem ser transformados em programas sociais.

Ainda em tramitação há o Projeto de Lei do Senado (PLS) 288/2013 que deverá substituir o ‘Estatuto do Estrangeiro’ (Lei n. 6815 de 1980), que já foi aprovado pela Comissão de Relações Exteriores (CRE) do Senado, que institui uma nova lei de migrações no Brasil. Ao contrário do estatuto, ainda vigente, que centraliza mais na segurança nacional, o novo texto traz garantias de direitos para os imigrantes, com repúdio a xenofobia, racismo e discriminação, com previsão de acolhida humanitária e a igualdade em relação aos nacionais, no acesso a serviços públicos (Queiróz & Ferreira, 2016).

Políticas públicas segundo Silveira (2007), são um conjunto de regras que orientam a prática e protegem os direitos das pessoas em todos os setores da sociedade, bem como, a partir destas, os bens e serviços sociais são partilhados visando garantir o atendimento a todos, entretanto, ainda encontra-se pulverizado em alguns setores. No estado do Paraná, foi instituído pelo Decreto Estadual n. 4289 (2012), junto à Secretaria de Estado da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos, o Comitê Estadual para os Refugiados e Migrantes no estado do Paraná (CERM). Cabe ao CERM a elaboração, implementação e monitoramento, pelo disposto no artigo 5º do Decreto que tem a pretensão de favorecer o acesso dos estrangeiros, às políticas públicas.

Em 2014 foi publicado o Plano Estadual de Políticas Públicas para Promoção e Defesa dos Direitos de Refugiados, Migrantes e Apátridas do Paraná 2014-2016, resultado da pressão das entidades sociais. Essas leis e decretos exigem um aparato social que garantam que as leis sejam cumpridas e as desigualdades minimizadas.

2.4 PSICOLOGIA SOCIAL COMUNITÁRIA

O fundamento que dá sustentação a esta pesquisa é a psicologia social comunitária, pois ela oportuniza a interação e o conhecimento através de uma

análise mais profunda de um contexto social de desatenção ou vulnerabilidade que algumas pessoas possam estar enfrentando. A psicologia social comunitária propicia ser intermediária e voz da integração, da participação e cidadania de comunidades, como também da falta delas. Pela aproximação da comunidade pretende-se tornar possível através das situações cotidianas narradas, contextualizadas e analisadas, cooperar para diminuir a exclusão social e auxiliar para que caminhos com uma maior integração social sejam trilhados.

A forte preocupação com a realidade dos povos da América Latina foi o marco do nascimento da psicologia comunitária, era o surgimento de uma psicologia social mais crítica. A inquietação fez criar teorias, trabalhos e pesquisas comprometidas e preocupadas com as desigualdades sociais. O engajamento da psicologia comunitária aconteceu com mais força nos países da América Latina e Brasil, que tinham histórias peculiares e o fardo histórico de suportaram a colonização, com governos autoritários, de exploração e miséria (Góis, 2003).

No Brasil, a psicologia comunitária tem seus primeiros registros na década de 1960, o contexto da época, político, econômico e os seus problemas sociais fizeram com que psicólogos envolvidos na busca de soluções agissem para atender a população necessitada (Góis, 2003). Uma realidade de opressão marca as ações desses psicólogos que também passaram pela ditadura, mesmo assim, consta desta época registro de projetos de extensão nas universidades e programas na rede pública de grande impacto (Scarpa & Guareschi, 2007). Os psicólogos, no empenho de socializar a psicologia junto à população, desenvolviam atividades de forma voluntária em comunidades de baixa renda, conscientes de seus posicionamentos, usavam a teoria de outras áreas para melhor desenvolverem seus trabalhos, o objetivo maior era levar a psicologia a serviço dessas pessoas, ajudando-as também a planejarem e requisitarem uma situação melhor de vida (Freitas, 1996a; Góis, 2003).

Os profissionais da psicologia se dedicavam nesse novo contexto a uma ação mais relevante, atuavam em funções diversas, envolviam-se mais nas atividades políticas, nos movimentos populares. As atividades desenvolvidas se mostravam em várias frentes, organização de reuniões e discussões, em torno das necessidades que permeiam a vida da população, e, indicando a partir da condição de vida as deficiências educacionais, culturais e de saúde (Freitas, 1996b). Segundo Scarpa e Guareschi (2007), com a abertura política muitas práticas psicológicas se

incorporaram a possibilidade de emancipação social. Os movimentos que levaram as pessoas as ruas, como ao solicitar eleições, provocou nas pessoas um sentimento de pertencimento ao coletivo e, a promulgação da constituição em 1988 trouxe as palavras inclusão, igualdade, cidadania que foram mais usadas na produção do conhecimento e nas práticas de psicólogos.

Segundo Freitas (1996a, p. 73) a psicologia (social) comunitária: “utiliza-se do enquadre teórico da psicologia social, privilegiando o trabalho com os grupos, colaborando para a formação da consciência crítica e para a construção de uma identidade social e individual orientadas por preceitos eticamente humanos”. A psicologia comunitária permitiu a integração das práticas comunitárias à psicologia proporcionando uma prática comunitária de maior independência, utilizando a teoria da psicologia para auxiliar as comunidades, mostrando-as os seus instrumentos, aqueles que elas já têm e os que podem potencializar (Góis, 2003).

A psicologia comunitária é definida por Góis (2003, pp. 290-291) da seguinte forma: “Estuda o modo de vida da comunidade e de como este se reflete e muda na mente de seus moradores, para de novo surgir, transformado, singularizado, em suas atividades concretas no cotidiano da comunidade”. A psicologia comunitária ao conduzir seus argumentos teóricos e através das pessoas entra na comunidade e com ela interage, pode compreender a vida da comunidade, estar junto deles numa perspectiva de liberdade e autonomia. Para entender e estudar o modo de vida dos haitianos, no Brasil, é preciso vê-los como um grupo e entendê-los como uma comunidade que está no Brasil e deve ser ouvida.

2.4.1 Comunidade

Comunidade é um termo usado cotidianamente que pode se referir a um agrupamento de pessoas que se unem por algum motivo. Para esta pesquisa o caminho a ser seguido é da comunidade considerada na psicologia social comunitária. A comunidade tem alguns aspectos que a identificam como comunidade, Montero (2004) destacou: a comunidade vista como ponto de encontro, possui coisas em comum, locais onde se encontram, igrejas, festas que proporcionam proximidade física, como também pode acontecer no cotidiano, o sentimento de se sentir dentro, como se fosse nós, o sentimento de usufruir das

mesmas coisas, relações próximas que estimulam a solidariedade, ajuda a segurança advinda da confiança nos outros, de compartilhar o bom e o ruim e a criação de um lugar tanto físico como psicológico de segurança, de se sentir integrado, onde os sons e os olhares estabelecem uma intimidade socializada.

Sawaia (2013) fala que a comunidade é uma forma de relacionamento de pessoas livres que se vinculam racionalmente e que tem uma continuidade no tempo. É ver o homem na sua totalidade e não exercendo papéis de ordem social. Ele é movido por uma grande motivação e se completa na união das vontades individuais no grupo. Na comunidade existe o encontro do sentimento, do pensamento e da história, caracterizando uma associação intencional.

Por comunidade pode-se considerar pessoas que estão juntas por algum motivo e que compartilham uma relação amigável, de aceitação e acolhimento. Apesar de não ser regra, pois discordâncias acontecem, não existem estranhos na comunidade. A comunidade que aqui se estuda, a comunidade haitiana, é assim considerada porque tem uma trajetória comum, uns chegam e outros vão embora, é usual esta movimentação, mas existem características que compartilham. Montero (2004) destaca que uma comunidade está sempre em transformação, o tamanho pode mudar, mas tem um envolvimento, a sensação de pertença e identidade, todos que dela participam têm um sentimento de identidade social, devido a uma história compartilhada, e, assim se reconhecem como um grupo e constroem um sentido de comunidade.

Faz parte da atividade da psicologia comunitária, como descreve Góis (2003), procurar dar respostas ao drama comunitário. Quando estes indivíduos, que fazem parte de uma comunidade, estão inseridos numa realidade social podem sofrer opressão ou exclusão social, a resposta da psicologia comunitária é compreender que existe uma dimensão psicossocial na prática desta comunidade. Assim, entende Góis (2003, p. 289) que, “o desenvolvimento de comunidade deve incluir o desenvolvimento do sujeito da realidade comunitária, não o seu ajustamento social à ideologia dominante e nem, simplesmente, a mudança instrumental da comunidade”. Abordar as adversidades e possíveis soluções a partir das próprias condições da comunidade, conscientizando da existência de um potencial humano e social.

Entender que eles como comunidade podem alterar-se, baseados na própria condição de evolução da comunidade e de seus indivíduos. Como componentes da comunidade, os indivíduos estão em constante modificação, mudando

comportamentos e interações cotidianas, sendo assim, as comunidades não são compostas de grupos homogêneos, mas por pessoas que compartilham sentimentos, necessidades, desejos, projetos que dividem com todos da comunidade (Montero, 2004).

A comunidade é muito mais do que uma simples categoria, é receptiva ao meio social em que está, ela emerge na plenitude do homem, desconsiderando seus lugares e posição social. Há a procura de tornar a vontade de todos em uma vontade só, o que seria impossível numa reunião de conveniência. São vínculos criados num lugar e espaço, nem sempre existindo fisicamente, mas real na conexão de uns com os outros. Um grupo que se perpetua na soma dos objetivos, na identificação dos problemas e no enfrentamento das soluções (Sawaia, 2013).

Ao acompanhar a chegada dos haitianos ao Brasil, a partir do ano de 2010, pela mídia e jornais, percebe-se que eles entravam em grupos, eram amigos, parentes, contudo, somente esta característica não pode classificá-los como comunidade, mas há uma identificação, um reconhecimento, como defende Bauman (2003), o que distingue uma comunidade é um entendimento compartilhado por seus membros, não um consenso, é um entendimento que não precisa de construção, está lá, sem precisar usar palavras.

2.4.2 Aproximações com a comunidade de haitianos

A teoria das representações sociais foi proposta como ferramenta por oportunizar a aproximação e a leitura da fala que o migrante haitiano traz, um conhecimento mais real da realidade vivida por esta comunidade e também porque vai ao alcance dos princípios que regem a psicologia social comunitária. Assim pode-se investigar o que foi proposto, a situação da comunidade, ao contextualizar esse grupo de pessoas, entender o seu histórico, como vivem e compreender como ela funciona. E como indica Montero (2004), o traçado das linhas de transformações possíveis se fará da própria comunidade e, sobretudo, a partir de suas aspirações, desejos e necessidades. A aproximação e o diálogo são sempre necessários. Ao enxergá-la de perto e possibilitar o levantamento e a análise das necessidades. O conhecimento da dinâmica da comunidade pode trazer muitas informações e

entendimento, ao ouvi-los, o que sentem como falta, do que precisam (Sarriera, 2014).

Há uma preocupação da psicologia social comunitária com as situações psicossociais da vida da comunidade que pode dificultar que estas pessoas se concebam como integrantes e sujeitos desta comunidade (Góis, 2003), pois a psicologia entende que o reconhecimento e a identificação perante a comunidade os ajudarão a adquirir autonomia. A ação na comunidade, o entrar e escutar, visa também detectar potencialidades, trabalhar junto na constatação de situações difíceis com o olhar do integrante da comunidade. Conforme Cruz, Freitas e Amoretti (2014) as necessidades da população devem orientar os caminhos para a prática, construindo junto alternativas, ações que sejam adaptadas ao dia a dia, das situações difíceis e como lidar com elas. Ao se conhecer o indivíduo, o grupo e a sociedade ampliam-se as possibilidades de investigação (Azevedo, 2009).

Assim, a teoria das representações sociais possibilitará conhecer a construção das interpretações da realidade não somente dos migrantes haitianos pesquisados, mas a hegemonia dela nesta formação social, mostrando que a ação das pessoas transpassa a sua própria representação do real, que ela é derivada da representação de uma complexa rede de relações sociais que eles compartilham com os demais integrantes do grupo do qual fazem parte (Campos, 1996).

2.5 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Representações sociais são os pensamentos em movimento, as pessoas ao expressarem verbalmente o que pensam nas suas relações sociais, essas ideias, convicções caminham e são repassadas a outras pessoas, nesse processo de expressar, interagir as representações se formam e se deslocam. Uma ocorrência social, um acontecimento importante, para um contingente de pessoas, ao ser transmitido a outras se configura uma representação social, mas não é só isso, ela pode ser teorizada, carregar uma teoria para tentar explicar como ela surge (Polli, 2013).

A Teoria das Representações Sociais surgiu de uma publicação feita por Moscovici em 1961. Moscovici (1981) destacou que as representações são disseminadas no cotidiano através da linguagem e transbordando pensamentos. As

representações sociais transcendem o comportamento porque os indivíduos são considerados pelo o que pensam e pela energia gasta para compreender o mundo. É uma forma específica de adquirir conhecimento e expressar o que já foi adquirido, procurando tirar do mundo um significado que faça sentido. É onde se formam as representações, no exercício diário de entender e expor de forma crítica a realidade. Esta exteriorização tem o poder de tomar rumos e posições (Moscovici, 1981).

Para se relacionar com outras pessoas e o mundo são formadas representações, elas também auxiliam as pessoas a nomear coisas e situações, a argumentar e se posicionar (Jodelet, 2001). Assim elas direcionam as atividades cotidianas, agindo como guia para as ações, tendo consequentemente como um dos componentes principais a formação de processos que orientam a comunicação e o comportamento social (Polli & Camargo, 2010).

As representações nascem num contexto complexo, dentro de grupos sociais que têm valores próprios para as situações vividas. Estas se formam nas relações desses grupos e reaparecem forte e de forma significativa conforme a situação se apresenta. Não sendo, no entanto, fenômenos isolados, eles sofrem influências das instituições e da mídia (Jodelet, 2001).

Jodelet (2001) define:

Representação social é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designada como saber de senso comum ou ainda saber ingênuo, natural, esta forma de conhecimento é diferenciada, entre outras, do conhecimento científico. (p.22)

As representações sociais devem promover a busca do sentido às coisas abstratas, tornando-as familiar, próximas e inteligíveis (Sá, 1996). Como disse Moscovici (1981), o processo de se apropriar de uma palavra ou ideia e torná-la familiar não é automático, observou-se que para aproximar o desconhecido é preciso entender a evolução por que passam. Dois são os processos que promovem esta aproximação, *ancoragem* e *objetificação*, que são responsáveis por conduzirem o desconhecido à compreensão.

A *ancoragem*, que conforme aponta Jodelet (2001), tem o intuito de trazer algo desconhecido ao círculo de conhecimentos já existentes. Esse processo, segundo Moscovici (1981) possibilita classificar e rotular o que estranho parece, de

indicar um nome ao que é inexistente. Ao qualificar o desconhecido, seja algo ou alguém, é como escolher um modelo existente que pode ser bom ou ruim. Este procedimento é representar, assim, o conhecimento novo busca referências no que já existe para que possa trazê-lo para perto de forma mais natural, dando a ele sentido.

No processo da *objetificação* o desconhecido é preenchido por algo real, que tem formato e é visível, assim torna-se familiar, a visão e o imaginário do que existe como verdadeiro na mente faz este trabalho, materializando o que é indefinido (Moscovici, 1981). A *objetificação*, segundo Jodelet (2001), se divide em três fases: construção seletiva, esquematização estruturante e naturalização. Onde a construção seletiva e a esquematização estruturante demonstram as consequências da comunicação e das restrições, referente ao pertencimento social do sujeito. A transformação da palavra em imagem, a concretização da ideia ajuda a compreender o conceito.

Abric (1998) estruturou as finalidades das representações sociais apresentando quatro funções: *função do saber*, *função identitária*, *função de orientação* e *função justificatória*. *Função do saber*: pelas representações pode-se compreender e explicar a realidade através do senso comum. *Função identitária*: as representações nomeiam a identidade, mas protegem o que é específico do grupo. Garantia de indicar o grupo e os indivíduos na esfera social. *Função de orientação*: as representações interferem na conceituação do objetivo da situação, construindo os tipos de relação e comportamento do indivíduo. *Função justificatória*: as representações asseguram justificar depois os posicionamentos e comportamentos.

Para Moscovici (2012), a representação social pode não ser tão clara e pode se apresentar como um conjunto de ideias, de reações e de conjecturas que se referem a algumas questões específicas, faladas aqui e ali em meio a uma conversa, que faz parte em seu final de várias conversas, tomando proporções maiores, o que seria a opinião pública. A apresentação citada acima, da representação social é ordenada de forma diferente, dependendo das classes, as culturas ou os grupos que também formam universos de opiniões. Assim, cada um destes universos teria por suposição três dimensões: a *atitude*, a *informação* e o *campo de representação ou imagem*.

Desta forma Moscovici (2012) explica cada dimensão: A *informação* refere-se a organização dos saberes que o grupo dispõe sobre o objeto social, neste caso o

trabalho no Brasil. Na dimensão *campo de representação* pode associá-la a imagem, de modelo social, com conteúdo definido e limitado das ideias que mostram um aspecto definido da representação. As opiniões podem estar agregadas, sem necessariamente estar regularizada e estruturada. A abrangência pode variar, incluindo, neste caso, tanto as opiniões sobre o trabalho no Brasil, como as afirmações sobre o trabalho ou a tipologia das pessoas que estão trabalhando. Na *atitude* é onde as pessoas se posicionam, demonstrando a orientação sobre o objeto da representação social. Assim, é possível a partir das três dimensões da representação social sobre o trabalho no Brasil obter uma visão de seu conteúdo e sentido.

2.6 REPRESENTAÇÃO SOCIAL, TRABALHO E MIGRAÇÃO

O uso da teoria das representações sociais na abordagem da interpretação do trabalho pelo migrante haitiano mostra-se muito relevante para o entendimento da realidade construída pelas falas e pelas relações sociais. A teoria permite aprofundar o entendimento de onde surgem as significações que o grupo social transmite e que se transformam em representações do cotidiano. A teoria das representações sociais facilita aproximar-se da complexidade da formação desta rede de definições partilhadas que surgem espontaneamente e de comum acordo em um grupo específico (Jodelet, 2001).

O ponto de vista que as pessoas dividem entre si, elas conduzem nas ações do dia a dia e são impulsores nas tomadas de decisão, nestas ações as pessoas formam representações. As representações como fenômeno conduzem as movimentações e ações na vida social. A realidade é representada, pois o indivíduo ou o grupo a absorve e a reconstrói. Ao fazer as suas considerações via pensamento, agregando aos seus valores, traz a história de uma realidade já vivida ao contexto em que está vivendo no momento. Ao final esta realidade que identifica como real será a representação que irá dividir com os outros. Este modo que surge de enxergar a vida permite ao grupo dar sentido ao seu comportamento e assimilar a realidade, a partir das suas próprias referências, possibilitando achar o seu lugar nesta realidade (Abric, 1998).

Segundo Polli e Camargo (2010) ao criar explicações para os fatos da vida, as pessoas estão criando representações. A representação social é o significado que um fato ou objeto recebe, é representação por ser cheio de significado e é social porque tem origem nas relações sociais e é transmitida por um grupo de pessoas pelas conversas que compartilham. Para as pessoas os laços de relacionamento são preponderantes nas tomadas de decisão. Para De Sá (2015) estes vínculos mostram-se importantes na probabilidade de os haitianos emigrarem, pois derivam das redes criadas no decorrer da tomada de decisão e da organização dessas pessoas no processo de deslocamento. Nesse processo acumulam recursos os quais são usados como referência e que não estão disponíveis como informação, assistência material e apoio social que fluem através dos laços com parentes e a comunidade.

Os haitianos, antes de viajarem, colhem informações sobre o mercado de trabalho no Brasil e a tomada de decisão é familiar. Segundo De Sá (2015) em pesquisa feita com haitianos em Belo Horizonte, durante as aulas de português, a decisão pelo destino foi motivada por ofertas de emprego. Antes de migrarem, se preocupavam e se informavam mais sobre a empregabilidade e a segurança, do que com a remuneração desses empregos. Não fizeram, no momento que optaram por viajar, pesquisa do que poderiam encontrar e depois se mostraram decepcionados e frustrados. Colheram informações através de suas redes de contatos, parentes e conhecidos, onde pegaram as informações que acharam pertinente para o momento, emprego, segurança (política e econômica) e, a possibilidade de viver legalmente.

Ainda segundo De Sá (2015) relataram satisfação com a moradia, estabilidade no emprego e segurança, fizeram comparações com a situação do Haiti. Falaram dos laços fortes que têm com os parentes e amigos haitianos que moram aqui e com os outros haitianos que aqui conhecem, sentem falta dos familiares que deixaram no Haiti. Aqui eles se encontram com outros haitianos nas festividades e comem juntos a comida típica haitiana. Em relação ao trabalho, na maioria, foram encaminhados por parentes. Destacaram as expectativas criadas antes de chegarem, que tinham consciência das dificuldades que enfrentariam por ser estrangeiro, tinham esta informação pelo relato de parentes e conhecidos que vieram antes deles para o Brasil. A motivação para virem para o Brasil foi a disponibilidade de visto e pelo fato de possuírem parentes aqui.

Os fatores que listam, como o lado negativo foram a dificuldade de ascensão no mercado de trabalho e a obtenção de melhores salários. Os haitianos informaram a dificuldade em validar o diploma, a fragilidade psicológica derivada da posição de migrante, a vulnerabilidade social e econômica, e ainda, o fraco conhecimento do português fortalecendo a marginalização social. Mesmo conscientes que enfrentariam dificuldades, se dizem desapontados pela pouca perspectiva de ascensão profissional e o alto custo de vida (De Sá, 2015).

A teoria das representações sociais envolve positivamente o objeto deste estudo por tratar de pensamentos, expectativas e realidade que os haitianos compartilham no Brasil. E ao repassar, conversar e dividir com outras pessoas eles estão criando representações. Tudo que enfrentam na nova vida é singular, por isso usa-se como referência o que é familiar, para desvendar o diferente. Segundo Moscovici (1981), o ato da representação traz o que está no universo de fora para dentro, para mais próximo. São fenômenos que têm relação com uma forma especial de obter e transmitir conhecimento e criar realidades e senso comum.

Fernandes e Castro (2014) fizeram uma pesquisa para o projeto intitulado *Estudos sobre migração haitiana ao Brasil: diálogo bilateral*. Os autores entrevistaram 340 haitianos e realizaram nove grupos focais em várias cidades brasileiras, em 2013. Os pesquisadores verificaram que o principal motivo do trajeto feito para o Brasil foi o trabalho (61,5%), esta foi a resposta dada ao serem perguntados por que migraram, em segundo lugar ficou a melhoria da qualidade de vida (14,7%) e em terceiro ajudar a família (6,5%). Alguns colocaram em segundo lugar a possibilidade de continuar os estudos no Brasil. Quando perguntados sobre o projeto migratório a maioria mostrou-se satisfeita em morar no Brasil (77,1%), os que falaram estar insatisfeitos apontaram os baixos salários como motivo principal (26,3%). Quando o assunto é trabalho 26,2% não estavam trabalhando, entre os que estavam, 30,3% trabalhavam na construção civil, 12,6% em indústrias de alimentos, 7,9% em serviços gerais e 5,6% no comércio.

Quando perguntados sobre as maiores dificuldades que encontraram no Brasil, os haitianos destacaram problemas para encontrar emprego e sobre o valor do salário. Quando solicitado aos entrevistados que sugerissem medidas aos governos do Haiti e do Brasil para facilitar o processo migratório, dentre outras sugestões que não são de responsabilidade direta do governo, muitos sugeriram que os dois governos mantivessem um diálogo bilateral com o objetivo de propagar

informações sobre a realidade brasileira, principalmente sobre as condições de trabalho, sobre os perigos da viagem não regular e ações de ambos os países para combater os coiotes (Fernandes & Castro 2014).

Na pesquisa feita por Da Silva (2013) foram entrevistados 254 haitianos, 140 em Manaus (AM), 68 em Tabatinga (AM) e 46 em Brasiléia (AC). O período das entrevistas foi entre 2011 e 2012. Os dados coletados nas três cidades se encaixam no perfil de trabalhadores migrantes, homens (88,5%) e jovens, com média de idade de 28,7 anos. No que se refere à escolaridade, 60% com nível de escola primária, 30% disseram que fizeram algum curso técnico e 5% com nível universitário. Muitos revelaram que gostariam de continuar seus estudos no Brasil. A maioria veio de Porto Príncipe e arredores, e, observou-se que grupos de haitianos saíram juntos de um único local, o que sugere a existência de redes sociais e os esforços para manter uma forma de proteção.

Os haitianos entrevistados na pesquisa de Da Silva (2013) relataram a dificuldade que têm na habitação e também na entrada no mercado de trabalho. Em Manaus os trabalhos a eles oferecidos são aqueles que exigem pouca qualificação, com baixa remuneração, como em serviços gerais, em cozinhas, lojas de varejo, limpeza de casas e manicures. Os dois maiores desafios para os haitianos são a baixa qualificação e falta de domínio do português. Há uma decepção com o trabalho e por isso mudam de emprego na procura de um salário melhor.

Para identificar a percepção dos imigrantes haitianos em Porto Velho (RO), Gottardi (2015), entrevistou cinco haitianos em 2014. Os entrevistados disseram que o motivo da emigração foi econômico, ou seja, a busca por trabalho e condições de sustento familiar, tanto aqui no Brasil, como envio de dinheiro para os que ficaram no Haiti. Entre os motivos pelos quais escolheram o Brasil relatam a facilidade de entrar pelas fronteiras, que são muitas e pouco fiscalizadas. Entre os pontos positivos destacam a facilidade de arrumar emprego no Brasil e, a possibilidade de obter ganhos maiores que no Haiti. Os itens que destacam como negativo são: a distância dos familiares que ficaram no Haiti, o salário baixo, que impossibilita enviar dinheiro para fora do país.

Para investigar os haitianos residentes em Cuiabá (MT), Queiróz e Ferreira (2016) fizeram uma pesquisa e entrevistaram doze pessoas em 2015, com objetivo de abordar questões referentes à condição de vida e as motivações que os influenciaram na escolha do Brasil. A pesquisa revelou que todos entrevistados

foram influenciados na hora de incluir o Brasil na sua rota de imigração pelas propagandas na imprensa local – rádio e televisão – que mencionavam a acolhida que o Brasil oferecia ao povo haitiano. Somente um entrou regular, todos os outros escolheram o caminho sem visto. A situação laboral deles no Brasil era a seguinte: sete trabalhavam na construção civil, a maioria como servente geral, os outros cinco trabalhavam em serviços de limpeza. Dez recebiam salário mínimo. Todos demonstravam interesse em continuar ou reiniciar os estudos. Onze dividiam a habitação com amigos ou familiares, e o mesmo número enviava dinheiro para o Haiti.

Entre as maiores dificuldades dos haitianos, entrevistados na pesquisa de Queiróz e Ferreira (2016), destacam-se: o baixo nível salarial, falta de estrutura na acolhida, falta de apoio e informação, a lentidão no atendimento à saúde, a precariedade nas condições de trabalho e outras dificuldades: de estudar, de enviar dinheiro, de recuperar o dinheiro investido para virem ao Brasil. Valorizavam a possibilidade de entrar legalmente no Brasil, a disponibilidade de estudar gratuitamente, e, a perspectiva futura de poder estudar. Suas expectativas em relação ao estado brasileiro e a sociedade brasileira estão relacionadas a oportunidades para que as pessoas possam trabalhar nas áreas que se formaram; orientações para reagrupar a família, maiores informações na embaixada brasileira no Haiti, sobre as condições de entrada no país e de vida no Brasil. Do grupo entrevistado nove disseram que não aconselharia ou incentivaria a vinda de amigos ou familiares para o Brasil.

Através das representações sociais pode-se conhecer a fala que um oferece ao outro, a realidade construída no grupo, onde todos que participam estão de comum acordo. A teoria fundamenta o surgimento deste fenômeno no objeto social estudado. Ao acompanhar as representações sociais da vida profissional dos haitianos no Brasil, as modificações que ocorrem e conhecer o progresso desses momentos de elaboração de comportamentos, e, relatos da comunicação feita entre os indivíduos, fazem com que o objetivo da pesquisa seja alcançado. A compreensão da representação é importante por trazer para o conhecimento de todos quais eram as ideias que circulavam nesses pequenos grupos e expandiram para o grupo maior, onde alguns criam sua própria versão das situações e partilharam com os outros (Polli & Camargo, 2010; Sá, 1996).

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Analisar as representações sociais de migrantes haitianos sobre o trabalho no Brasil.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer as representações sociais que os haitianos tinham sobre o trabalho no Brasil antes de migrarem;
- Identificar o processo de construção das informações sobre o trabalho no Brasil;
- Descrever o que eles pensam sobre o trabalho após chegarem ao Brasil;
- Verificar o que os haitianos esperam para o futuro.

4 MÉTODO

4.1 DELINEAMENTO DE PESQUISA

A pesquisa foi feita utilizando dois instrumentos, a aplicação de um questionário socioeconômico e uma entrevista aberta presencial. É uma pesquisa exploratória e descritiva; exploratória por abordar um tema pouco estudado, que é o ingresso no Brasil de migrantes haitianos após o terremoto de 2010. Descritiva por identificar e analisar representações sociais do trabalho elaboradas por pessoas de idades variadas e de diferentes formações.

4.1.1 Participantes

Os participantes da pesquisa foram quinze haitianos, doze homens e três mulheres, com idades entre 19 a 37 anos ($M=28,8$; $DP=4,82$) que se comunicavam bem em português. Num primeiro momento, a intenção era selecionar migrantes com curso superior completo, intenção inviabilizada devido a poucos interessados em participar do estudo com este perfil. Foi enviado e-mail a 150 migrantes haitianos, no

entanto, somente seis responderam ao e-mail concordando em participar da pesquisa. O local escolhido para a aplicação do questionário e a entrevista foi uma sala da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Os outros participantes foram selecionados aleatoriamente no Centro de Atendimento ao Migrante (CEAMIG) local em que a pesquisadora passou algumas tardes entre os meses de abril e agosto de 2016. No CEAMIG, com a ajuda da Assistente Social, muitos migrantes foram abordados nesses cinco meses, no entanto, a desconfiança, o medo que a entrevista fosse divulgada na mídia e receio pelo gravador, que passava a imagem de uma reportagem jornalística foi a justificativa para negar a participação, assim, foram nove haitianos que demonstraram interesse e preocupação em participar do estudo.

Os nomes dos quinze participantes foram trocados pela letra “P” seguido por número em ordem crescente. Todos os entrevistados moram em Curitiba e Região Metropolitana. As informações sobre o perfil dos participantes constam na Tabela 1:

Identificação	Sexo	Idade	Estado civil	Filho(s)	Família no Haiti	Envia dinheiro	Profissão Haiti	Escolaridade	Profissão Brasil
P1	F	25	Solteira	não	Sim	Sim	Estudante	Técnico	Vendedora
P2	M	23	Solteiro	não	Sim	Sim	Técnico informática	Está fazendo curso Superior no Brasil	Auxiliar cozinha
P3	M	30	Solteiro	não	Sim	Sim	Auxiliar de Fotógrafo	Está fazendo Superior no Brasil	Chapeiro
P4	M	27	Solteiro	não	Sim	Sim	Motorista	Ensino médio completo	Auxiliar de cozinha
P5	M	26	Casado	três	Sim	Sim	Professor de matemática	Superior completo - Matemática	Cozinha de restaurante
P6	M	28	Solteiro	um	Sim	Sim	Técnico agrícola	Ensino médio completo	Desempregado
P7	F	19	Solteira	não	Sim	Sim	Etiquetava roupas	Ensino médio completo	Desempregada
P8	M	27	Solteiro	não	Sim	Sim	Técnico Administração	Curso Superior incompleto	Desempregado
P9	M	36	Casado	dois	Sim	Sim	Eletricista	Curso Superior incompleto	Desempregado
P10	M	30	Solteiro	dois	Sim	Não	Técnico de Informática	Superior completo - Psicologia	Desempregado
P11	M	37	Solteiro	não	Sim	Sim	Encanador/ Eletricista	Curso Superior incompleto	Auxiliar de limpeza
P12	M	35	Solteiro	não	Não	Sim	Professor de francês e matemática	Superior completo – Teologia	Serviço de assistência ao migrante e refugiado
P13	M	31	Solteiro	1	Não	Não	Aduana	Curso Superior incompleto	Desempregado
P14	M	28	Solteiro	Não	Sim	Sim	Carregador de malas	Curso Superior incompleto	Desempregado
P15	F	30	Solteira	1	Sim	Não	Estudante	Curso Superior incompleto	Cozinheira

Tabela 1: Perfil socioeconômico dos entrevistados

Uma informação relevante que não consta na Tabela 1 é a renda dos participantes que trabalhavam, sete dos respondentes que estavam trabalhando no momento da entrevista ganhavam até R\$1.000,00, um ganhava entre R\$1.001,00 até R\$2.000,00 e sete estavam sem renda por estarem desempregados.

4.1.2 Instrumentos

Foram dois os instrumentos escolhidos para a presente pesquisa um questionário (Apêndice I), com interesse em traçar o perfil dos haitianos, com perguntas abertas e fechadas, com o levantamento socioeconômico, formação escolar e familiar e ainda dados relevantes para compreender o trabalho que exercia antes de migrar e o que desenvolve agora.

O segundo instrumento foi uma entrevista realizada individualmente. Era formada por três perguntas indutoras, com a liberdade de aprofundar alguns assuntos para obter mais informações. As perguntas indutoras foram as seguintes, conforme consta no Apêndice II:

- Quando morava no Haiti o que você pensava sobre o trabalho no Brasil?
- O que você pensa agora?
- O que espera em relação ao trabalho e oportunidades para o futuro?

Para a coleta de dados foi solicitado autorização para gravar a entrevista para posterior transcrição, sendo utilizado um gravador portátil. A entrevista teve duração média de 45 minutos, e foi realizada em somente um encontro.

4.1.3 Procedimento

As etapas da execução da pesquisa envolveram o encaminhamento do projeto de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Hospital Instituto Paranaense de Otorrinolaringologia (IPO) e o planejamento da atuação de como seria feito o contato para a realização das entrevistas. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo parecer n. 1295972, de 26 de outubro de 2015. Após aprovação do projeto, foi feito contato com a UFPR no Programa Política Migratória onde se explicou a proposta de pesquisa e solicitou-se a entrega dos contatos dos haitianos, os quais procuravam o programa que estavam sob o acervo desta unidade. Referida solicitação foi autorizada de imediato. Na mesma época foi

entregue à Assistente Social do CEAMIG uma solicitação de autorização para frequentar o local e abordar os haitianos que demonstrassem interesse em participar do estudo. Em abril de 2016 foram agendadas entrevistas com os interessados que responderam aos e-mails e feitas as primeiras visitas ao CEAMIG.

O agendamento com os interessados, que responderam ao e-mail, foi organizado no dia e horário, conforme a disponibilidade que tinham. O local usado foi uma sala da UFPR onde seria garantido o sigilo das informações. Àqueles que concordaram em participar, após serem consultados no CEAMIG, eram no mesmo momento direcionados a uma sala reservada, onde foi possível ter silêncio e privacidade. No primeiro contato, os participantes receberam informações sobre a finalidade e procedimento da pesquisa, e, ao concordarem em participar, foram informados que poderiam a qualquer momento interromper sem qualquer consequência. Também foi solicitada a gravação da entrevista. Os momentos com os participantes incluíam assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice III), preenchimento do questionário e realização da entrevista. Todo o procedimento teve a duração média de uma hora.

4.1.4 Análise de dados

4.1.4.1 Questionário

O questionário foi aplicado e respondido pelos quinze participantes. Os dados obtidos foram tratados estatisticamente com auxílio do programa estatístico SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 16.0. Foi realizada análise estatística descritiva em termos de frequência absoluta, média e desvio padrão.

4.1.4.2 Entrevista

Os dados coletados por meio de entrevistas foram transcritos e posteriormente submetidos ao programa IRaMuTeQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnel – les de Textes et de Questionnaires*) que foi desenvolvido por Pierre Ratinaud (2009), um *software* que trata especificamente da análise de material verbal transscrito, permitindo a análise do conteúdo coletado nas entrevistas, essencial

neste caso, onde o conteúdo verbal gravado foi transscrito, a partir do texto pronto pode-se colocar no programa.

O IRaMuTeQ possibilita fazer a análise do montante verbalizado que foi transformado em *corpus* texto, tratando os dados textuais por classificação hierárquica descendente (CHD), onde fragmento de texto é organizado em função de seu específico vocabulário e assim ligando-os a cada classe (Camargo & Justo, 2013). O programa trabalha com textos, que são estruturadas conforme o tipo de pesquisa realizada. Os textos, neste caso, são as respostas dos participantes a cada uma das três perguntas que foram definidas pelo pesquisador. Após a transcrição das entrevistas, as respostas foram organizadas em três arquivos.

O agrupamento das respostas a cada uma das perguntas formou um *corpus* composto por um conjunto de textos. Cada texto é a resposta de um sujeito a uma das perguntas indutoras. A pesquisa originou 3 *corpus*. Os textos posteriormente são divididos pelo programa em segmentos de textos (STs) que, na maioria das vezes, têm três linhas.

O programa então realizou uma classificação destes segmentos de acordo com a semelhança de seus conteúdos. Os segmentos que tratam das mesmas temáticas são agrupados em uma mesma classe que pode ser indicativa de uma representação social ou de seus elementos em relação ao objeto de estudo em questão (Camargo, 2005).

5 RESULTADOS

Neste capítulo serão descritas as informações colhidas, em seguida, embasada na teoria proposta, serão exibidas as análises das três perguntas indutoras. As informações são relatadas, na ordem que foram coletadas, permitindo uma visão geral da pesquisa.

Serão apresentados trechos das falas dos participantes, a sua identificação será feita por P1, P2, ... (conforme a Tabela 1), seguido pela data de sua chegada ao Brasil, o sexo e sua idade.

5.1 REPRESENTAÇÃO SOCIAL SOBRE O TRABALHO NO BRASIL ANTES DE IMIGRAR

Para análise das respostas à questão sobre o que pensavam sobre o trabalho no Brasil quando ainda moravam no Haiti, com o auxílio do programa IRaMuTeQ, utilizou-se o *corpus* formado pelas respostas dos 15 participantes a esta pergunta. Este *corpus* foi composto por quinze textos e durante a análise foi dividido em 230 segmentos de textos (STs), dos quais 75% foram considerados, eles continham 1188 palavras diferentes. Para a análise e montagem do dendrograma foram aceitas as palavras com frequência igual ou superior a quatro e qui-quadrado com significância estatística ($\chi^2 \geq 3,84$, $gl=1$). A CHD deu origem a cinco classes compostas por segmentos de textos diferentes entre si. Em cada uma das classes foi exibido o título da classe; o número de segmentos de textos que continham a palavra com as respectivas frequências e também o valor de qui-quadrado, conforme Figura 1.

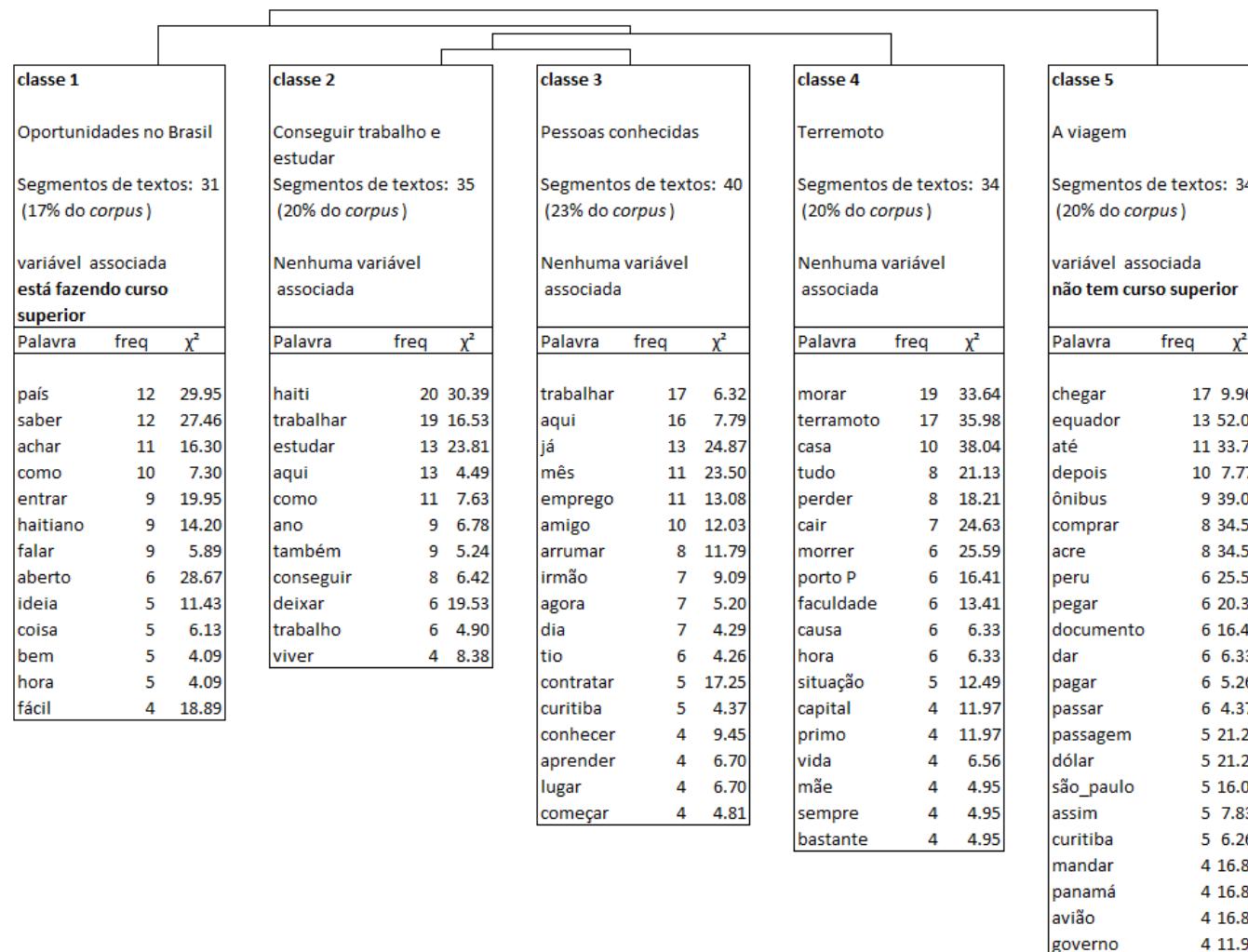


Figura 1- Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente (CHD). Quando morava no Haiti o que você pensava sobre o trabalho no Brasil?

A classificação hierárquica descendente (CHD) do *corpus* sobre a primeira pergunta deu origem a cinco classes. A Figura 1 mostra que é possível verificar que a primeira partição do *corpus* opõe a classe cinco, que trata da viagem, às demais classes. Na segunda partição há a oposição da classe um, que tem como conteúdo as oportunidades no Brasil, com as demais classes. Na terceira partição é possível identificar uma oposição da classe quatro, que trata do terremoto, com as outras duas e últimas classes. Na quarta e última partição as classes dois, que fala sobre conseguir trabalho se opõe a classe três, que refere-se a pessoas conhecidas. A seguir será identificada cada classe com as palavras que a define.

Classe 5 – A viagem

A classe cinco foi formada por 34 segmentos de textos, que corresponde a 20% de todo o *corpus*. Tem como variável associada os participantes que não tem curso superior (12 participantes). Tem seu conteúdo agrupado nos segmentos de textos que tenham palavras como *chegar*, *Equador*, *ônibus*, *comprar*, *Acre*, entre outras. Esta classe apresenta falas voltadas para a viagem do Haiti para o Brasil. A distância, as travessias, o passo a passo do percurso. Como relatam os participantes da pesquisa:

Estou no Brasil há dois anos e dois meses, eu cheguei aqui para trabalhar e aprender, eu não conhecia o Brasil, eu tenho um irmão que veio aqui antes ... eu vim pelo Panamá, Equador, Peru e Acre, foi muito difícil porque você fica cinco a sete dias em um ônibus. Do Acre a Curitiba levou quatro dias, em vim só com o passaporte e quando cheguei aqui eu fiz os documentos, carteira de trabalho e o protocolo... (P6, abril 2014, M, 28).

O Brasil não estava difícil, estava pegando gente (para trabalhar) antes da copa do mundo eu vim, assim eu paguei passagem e cheguei lá no Equador e depois eu vim de ônibus direto, passei pelo Acre. Eu peguei um avião direto de Porto Príncipe para o Equador, fiz escala no Panamá. Eu pretendia ficar no Equador, mas fiquei três ou quatro dias aí decidi vir para cá, o meu cunhado disse que o Brasil estava melhor que o Equador de serviço, aí eu peguei um ônibus e fui até o Acre... (P13, 2013, M, 31).

Esta classe traz relatos sobre a dificuldade da viagem, inimaginável por muitos. Os países percorridos são citados.

Classe 1 – Oportunidades no Brasil

Esta classe foi composta por 31 segmentos de texto, que corresponde a 17% do *corpus*. Está associada aos participantes que estão fazendo curso superior, ou seja, dois participantes. No conteúdo dos segmentos de textos as palavras que mais aparecem são: *país, achar, como, entrar, aberto*, entre outras.

Esta classe traz palavras que revelam a representação social dos participantes de que o Brasil é um país de oportunidades para o trabalho, por estar aberto (em referência a concessão do visto humanitário) e por ter notícias, que tinham de parentes e mídia, de ofertas de emprego na época que pensavam em emigrar. Conforme relata P2.

Os haitianos começaram a entrar no Brasil em 2010, antes de 2010 a gente não tinha ideia de vir para o Brasil por que para a gente ir para um país ele tinha que estar aberto, dizer as essas pessoas que elas podem entrar... como ele(o meu primo) entrou, então ele falou para eu vir também, pois todos os haitianos querem sair do Haiti, quando eu estava no Haiti tinha haitianos que saiam para vir para cá também, então quando eles chegaram eu acho que eles ficaram tranquilos acharam que era bem melhor vir para cá. (P2, ago 2013, M, 23)

Quando eu estava no Haiti, eu estava estudando e trabalhando em um estúdio que tira fotos, eu estava no terceiro ano de economia e não tinha a possibilidade de viver muito bem por causa do terremoto que passou. Eu deixei o Haiti, mas não para vir para cá, mas para ir para a Argentina e estudar medicina, mas quando eu cheguei na Argentina eu fiquei sete meses, eu cheguei em julho de 2013, sem fazer nada sem estudar porque a faculdade já tinha começado em março, mesma coisa que aqui, eu fiquei sete meses sem fazer nada. Eu tinha amigos que moravam aqui no Brasil e falaram para mim: porque você não vem para cá, aqui tem mais

possibilidades para viver do que na Argentina, então eu disse, é verdade o que você disse, e ele disse sim... (P3, jan 2014, M, 30)

Sobre o caminho que percorreram até o Brasil, os dois participantes, que fazem universidade no Brasil, tiveram como primeira opção ir para a Argentina, mas lá tiveram influência de outras pessoas para virem ao Brasil, como o relato do P3.

Classe 4 – Terremoto

A classe quatro foi composta por 34 segmentos de texto, que corresponde a 20% de todo o *corpus*. Não há nenhuma variável associada. Tem seu conteúdo agrupado nos segmentos de texto que tenham palavras como: *morar, terremoto, casa, perder, cair, morrer*, entre outras. A classe trata do terremoto. Essa classe se refere ao momento vivenciado pelos haitianos, o do terremoto, e como ele impactou as suas vidas. Um recorte das respostas mostra o reflexo do relato que consta nesta classe:

Eu dava aula para alunos do sexto ano o meu destino era o Brasil... eu morava perto de Porto Príncipe em 2013, eu desisti, eu estava dando curso na escola e eu desisti porque estava difícil, bem caótico, vivendo mal, eu não tinha ninguém aqui eu deixei o meu coração me dirigir... sabe que no Haiti teve o terremoto e quebrou tudo lá, a situação no Haiti estava bem caótica e tinha bastante haitiano vindo para o Brasil por isso que eu vim procurar uma vida melhor... (P5, 2013, M, 26)

Nas palavras o haitiano relatou um momento difícil pelo qual passava e que o terremoto foi o impulso final necessário para mudar. As palavras do outro haitiano mostra como o terremoto traz à realidade uma situação difícil que o país passava. Ele fala das muitas vítimas que existem no Haiti e da chance de entrar no Brasil.

A presidente do país, a Dilma, ela foi lá, com o coração de mãe dizendo que vendo a situação do país, do povo que estava sofrendo, e com este desastre... o povo como vai sobreviver. Ela foi fazendo uma análise do contexto, dizendo então, que nós podemos ajudar o país a reconstruir, neste sentido, as vítimas do terremoto podem ter esta oportunidade de entrar no Brasil... (P12, fev.214, M, 35)

Esta classe mostra como o terremoto impactou a vida do haitiano, a destruição e como desestruturou o dia a dia como relatou o P5. E como perceberam o sentimento de acolhimento e proteção depois da tragédia, que oportunizou enxergar uma vida diferente, como contou P12.

Classe 2 – Conseguir trabalhar e estudar

Esta classe foi formada por 35 segmentos de texto, que equivale a 20% do *corpus*. Não há nenhuma variável associada. Tem seu conteúdo agrupado nos segmentos de textos que tenham as palavras: *Haiti, trabalhar, estudar, aqui, trabalho*, entre outras. Nessa classe os participantes apresentam nos seus relatos a necessidade de trabalhar e a importância de estudar, como relata P4, nas mudanças de planos, nas expectativas de novas oportunidades:

...antes de eu vir para o Brasil, eu estava estudando, fazendo um curso técnico em mecânica e tinha um colega meu que vinha para cá e conversando com ele, ele me disse que aqui tinha uma vida melhor, e eu comecei a analisar esta ideia... estava só estudando, e depois de terminar o curso que eu ia procurar um serviço, então esse meu amigo falou do Brasil, ele fazia o curso comigo e aí ele desistiu largou o curso para poder viajar.(P4, abril 2014, M, 27)

Os relatos também mostram que alguns migrantes largaram o que tinham na procura de uma melhor colocação e de novas chances:

Eu era professor no Haiti, e vim para cá e trabalho em um restaurante, já tem dois anos que estou no Brasil... no Haiti eu ministrava aula em uma escola particular e estava feliz, não estava feliz com o salário, mas eu gostava dos meus alunos era bacana eu adorava eu saí do emprego para vir para cá... (P5, 2013, M, 26).

Nesta classe as palavras referem-se a ter interesse em dar uma continuidade a sua educação como no relato do P4. E também da perspectiva de ter o melhor retorno do trabalho, unindo a satisfação pessoal com um salário mais justo, como relata o P5.

Classe 3 – Pessoas conhecidas

Esta classe tem na sua composição 40 segmentos de textos, que equivale a 23% do *corpus*. Não há nenhuma variável associada. Tem seu conteúdo agrupado nos segmentos de textos que tenham as palavras: *trabalhar, emprego, amigo, arrumar*, entre outras. A classe trata das pessoas que os participantes conheciam no Brasil, com quem tiveram contato e como eles contribuíram para a sua adaptação e no cotidiano. As pessoas próximas foram importantes para a P15:

Eu fui primeiro para Goiás/Goiânia, lá não tinha serviço eu fiquei 8 meses, foi onde eu conheci o meu marido, haitiano também, depois eu fui para Porto Alegre, trabalhei em um restaurante, fiquei 7 meses...me mudei de lá porque o meu marido veio para cá, ele veio primeiro porque arrumou um emprego, depois ele arrumou um serviço para mim aí eu vim para Curitiba, e também porque eu tinha uma amiga que estava aqui agora ela já foi embora. (P15, jan 2014, F, 30)

Percebe-se também, nesta classe, que alguns migrantes tinham alguma colocação profissional no Haiti, como relata o P14, mas por influência de amigos e familiares resolveram fazer esta mudança.

...eu vim sozinho, porque todos os haitianos estavam entrando no Brasil, aí eu vim... eu cheguei em São Paulo, e eu tinha um amigo morando aqui, aí eu liguei para ele e vim morar aqui porque ele veio para o Brasil em 2011 e ele sempre me ligava para eu vir, mas eu estava trabalhando lá e ganhando bem eu fui ficando lá. Ele falava para eu vir morar no Brasil que era melhor, mas quando eu cheguei aqui não era melhor... (P14, nov 2014, M, 28)

Os STs, nesta classe, refletem a influência do haitiano que aqui já estava e como ele ajudou o respondente a conseguir uma colocação de trabalho, como a P15 relatou. O relato de um haitiano que já vivia no Brasil convenceu o P14 a deixar a sua vida e emprego para mudar para o Brasil.

Nestas cinco classes que tratam da representação social que os participantes da entrevista formaram sobre o trabalho no Brasil antes de desembarcarem, têm pontos que embasaram o cenário da representação. A abertura do país, com a concessão de visto humanitário, considerado como oportunidade de emprego e estudo, o incentivo de pessoas que aqui já estavam e relatavam que tinha emprego e a realidade de destruição e crise no Haiti que impulsionou a tomada de decisão. Então, pode-se dizer que a representação formada foi de que o Brasil surge como uma nova oportunidade, um país com muitos empregos e com estrutura para proporcionar uma melhor condição de vida e de qualificação. O país foi visto como um espaço onde seria possível trabalhar e estudar com um salário elevado.

5.2 REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO TRABALHO NO BRASIL

O *corpus* da segunda pergunta: O que você pensa agora (sobre o trabalho no Brasil)? foi composto por 15 textos, que deram origem a 327 segmentos de textos que continham 1593 palavras diferentes. Para a análise foram consideradas as palavras com frequência igual ou superior a quatro e qui-quadrado com significância estatística ($\chi^2 \geq 3,84$, $gl=1$). A taxa de segmentos de textos retidos para análise foi de 88%. A CHD deu origem a sete classes compostas por segmentos de textos diferentes entre si. Em cada uma das classes foi exibido o título da classe; as palavras que compõem os STs com as respectivas frequências e o valor de qui-quadrado.

Na Figura 2 é possível constatar que a primeira partição do *corpus* opõe a classe um, que trata sobre estudar e aprender, às demais classes. A segunda partição mostra a oposição das classes seis, sozinho no Brasil, e cinco que tem como título dificuldades / contas, em relação às demais classes. A terceira partição nota-se que as classes seis e cinco se opõem entre si, e as classes quatro chamadas de mudança de expectativa e três com o nome Brasil país melhor se opõem às classes sete intituladas trabalhos no Brasil e dois designada dificuldades enfrentadas, entre si. Numa quarta partição as classes quatro e três se opõem entre si, o que também ocorre com as classes sete e dois. Conforme pode ser observado na Figura 2.

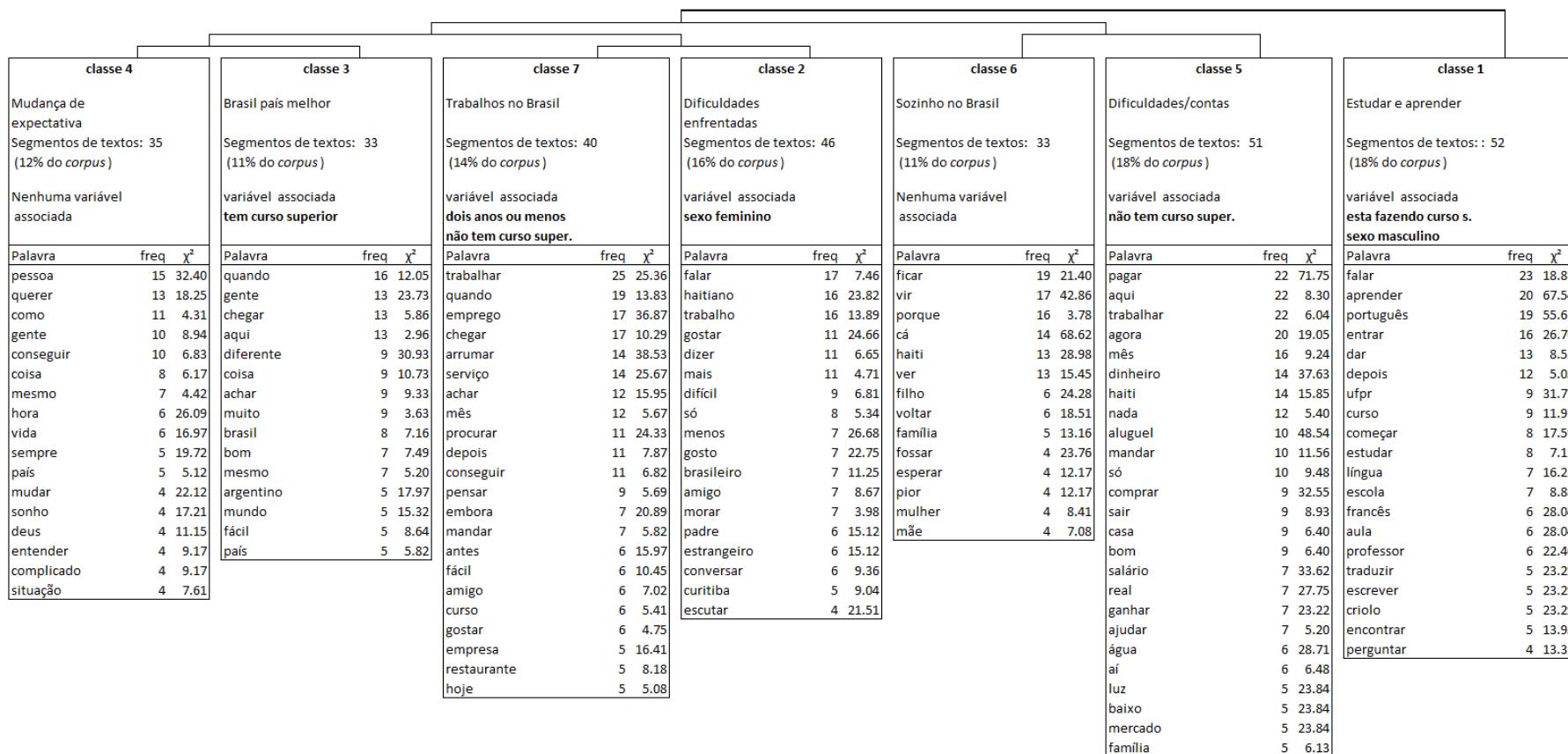


Figura 2- Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente (CHD). O que você pensa agora sobre o trabalho no Brasil?

Classe 1 – Estudar e aprender

A classe um foi formada por 52 segmentos de textos, que equivale a 18% do *corpus*. Está associada aos haitianos do sexo masculino que estão fazendo curso superior (dois participantes). É demonstrado por segmentos de textos com as palavras *aprender, começar, estudar, curso, entrar, UFPR*, entre outras. Esta classe trata de estudar e de novos interesses. Como na fala a seguir:

Um refugiado e estrangeiro especialmente que entra em um país, qualquer país, tem que aprender a língua senão ele não vai conseguir conversar com ninguém... a única coisa que eu queria era entrar na universidade, pois é o meu sonho estudar, eu gosto de estudar muito e eu comecei a aprender a língua e depois de um mês eu consegui falar com um professor e eu perguntei você sabe como eu faço para entrar na UFPR? (P3, jan 2014, M, 30)

Os participantes desta classe relataram a vontade de estudar, na fala deles é possível identificar a busca da aprendizagem. São migrantes jovens que veem no Brasil uma oportunidade de continuar os estudos e trabalhar:

Eu saí para estudar, porque eu sempre pensei assim, se a gente não estudar a vida não vai ser diferente, eu tenho um sonho que mesmo que eu tenha dinheiro, eu preciso de dinheiro... quando cheguei aqui, esperava que me levassem para o trabalho, eu fiquei quase um mês, dois meses sem trabalho, todos os dias eu perguntava cadê o trabalho, ele (o primo) dizia que eu tinha que esperar, ele dizia não sabe nem falar e quer trabalhar. Então quando eu cheguei, comecei a estudar para poder falar, estudar o português, pegava o dicionário dele e a internet para traduzir, peguei revistas também... (P2, ago 2013, M, 23)

Essa classe mostra um campo da representação social onde o trabalho é o caminho que possibilitará a voltar aos estudos ou iniciar novas etapas na sua educação. Os dois relatos acima mostram esta convicção, e a visão de que com o aprendizado do português a entrada à escola será facilitada.

Classe 6 – Sozinho no Brasil

A classe seis foi composta por 33 segmentos de textos, que equivale a 11% do *corpus*. Sem nenhuma variável associada. A formação da classe é feita por segmentos de textos com palavras como *ficar, família, pior, filho*, entre outras. A classe é formada por situações que trazem a necessidade e vontade de ter pessoas queridas por perto, pessoas que compreendam o que estão enfrentando e possam apoiá-los, e ainda, o pensamento sempre presente de ajudar os familiares que ficaram no Haiti. Como no relato:

Agora eu não estou bem porque não estou trabalhando, tenho filhos para sustentar, estão no Haiti, mas virão para cá porque pediram visto para eles e para a minha mulher, faz tempo que estou longe, se não tivesse a crise eles pretendem vir para cá em dezembro e eu fico triste por não vê-los tenho um filho e uma filha de três e seis anos. (P9, abril 2014, M, 36)

Os participantes destacam nos relatos a preocupação em ajudar a família e tê-la perto.

Eu não sou casada, eu não tenho namorado, aqui eu não quero agora, eu tenho que enviar dinheiro para o Haiti e ajudar a minha mãe para que ela venha aqui, ter uma casa minha e ajudar muito a minha mãe... eu tenho muitas saudades da minha mãe, mas não posso fazer nada, tenho que esperar, esperar que deus me ajude eu acho que agora ainda tem oportunidades de emprego... (P7, fev.2015, F, 19)

Esta classe representa a família, os que ficaram no Haiti. A representação social do presente usando como referência o futuro. No planejamento de conseguir fazer uma reserva financeira para trazer os familiares ao Brasil.

Classe 5 – Dificuldades e contas mensais

A classe cinco foi composta por 51 segmentos de textos, que equivale a 18% do *corpus*. A classe está associada aos respondentes que não têm curso superior (doze participantes). Compõem os segmentos de textos que contêm as palavras como *pagar, dinheiro, aluguel, comprar*, entre outras. Os relatos convergem para o baixo salário, a insatisfação com a vida sem qualidade e sem perspectiva, a

dificuldade em pagar as contas do mês. As descrições mostram as características da classe.

Eu acho que agora a minha vida não está melhor do que estava antes no Haiti, eu deixei todas as minhas coisas, deixei moto, casa, para vir, mas aqui eu não comprei nada. Desde quando eu cheguei há dois anos eu não comprei nada somente guardei um pouco de dinheiro, eu esperava outra situação, salário melhor, emprego melhor, quando eu estava no Haiti eu não pagava aluguel somente luz e água eu morava com os meus pais. (P6, abril 2014, M, 28)

Quando cheguei aqui no primeiro dia, primeiro mês, tem uma expectativa, mas aí você vê o salário você já vendeu a sua casa e carro e vê que não vai recuperar porque o salário é baixo até para pagar as contas. Muitos haitianos vivem juntos para dividir aluguel senão não conseguem viver, por exemplo: um salário de R\$1.000,00, R\$1.200,00, por aí, o aluguel é de R\$700,00 não consegue pagar o aluguel sozinho...aí tem comida, roupa, como que vai viver, se você vendeu carro casa lá no Haiti, como vai recuperar esse carro, esta casa. Um haitiano conversava com outro haitiano e dizia que aqui era bom mas eles não falavam certinho a verdade. (P13, 2013, M, 31)

Os participantes aqui citados mostram, nesses trechos de suas falas, como avaliam o antes e o depois de chegarem ao Brasil e começarem a trabalhar, os bens que tinham e desfizeram e como agora o salário não contempla mais adquirir os mesmos bens. Percebe-se que a realidade vivida é diferente daquela que tinham em perspectiva.

Classe 4 – Mudança de expectativa

A classe quatro foi composta por 35 segmentos de textos, que equivale a 12% do *corpus*. Não há nenhuma variável associada. A classe é composta por segmentos de textos que tenham palavras como chegar, pessoa, querer, mudar, sonho, entre outras. Esta classe conforme indicam as palavras, reflete a mudança de expectativa, o encontrado ao chegar ao Brasil não foi o imaginado.

Uma coisa que você está esperando, do jeito que você está esperando, não acontece, não é só isso, dizer que eu tive muita satisfação, com sinceridade não vou dizer isso, as expectativas foram maiores do que eu consegui, eu tinha expectativa de mudar a vida o estilo e a maneira de viver, agora eu estou com essa insatisfação porque eu não consegui concretizar o meu sonho. (P10, abril 2014, M, 30)

Percebe-se uma insatisfação no caminho que a vida deles tomou. Os dois demonstram a vontade de mudar, já que tem muita coisa que não gostam, mas sem saber muito bem como:

Eu vim em dezembro de 2013, eu pensava, vou para lá pelo menos tem serviço e eu vou conseguir trabalhar e estudar, dois anos, três anos, quatro anos, e depois eu voltaria com um diploma estrangeiro...eu fico pensando, agora que estou de férias, nem consegui pagar a minha passagem para visitar a minha família. Eu queria ir para o Haiti porque agora se eu for eu não volto mais...eu quero ir para o Haiti por causa de várias coisas, não só por causa do emprego, porque meu primeiro trabalho aqui foi em um mercado, fiquei quatro meses, saí porque o salário não estava bom e depois consegui um serviço no restaurante... (P1, dez. 2013, F, 25)

O conteúdo da classe trata da experiência dos haitianos no Brasil e com ela veio o choque da realidade e a decepção, como o trabalho pode ser árduo e exigir esforços inesperados para pouco retorno.

Classe 3 – Brasil país melhor

A classe três foi composta por 33 segmentos de texto, que equivale a 11% do corpus. Tem como variável associada os haitianos com curso superior (três participantes). A classe contém segmentos de textos que tenham as palavras como *chegar, diferente, Brasil, bom*, entre outras. Há uma indicação que o Brasil, apesar de todas as dificuldades, é um país melhor que o Haiti. As respostas dos haitianos dão uma visão geral do que sentem:

Na verdade, hoje, eu estou feliz, em um ano e meio que eu estou aqui a gente economiza dinheiro, não é muito, mas hoje está feio para todo mundo para o

povo brasileiro também está feio, mesmo quando eu cheguei aqui eu pensei o trabalho que tiver a gente faz. (P4, abril 2014, M, 27)

Faz dois anos que estou aqui, os meus motivos de vir para cá foram dois, para conseguir um emprego, depois do terremoto que ocorreu em 2010 ficou um pouco difícil para a gente achar um serviço, mas, ao mesmo tempo que eu estava pensando em vir para o Brasil eu me formei em psicologia, entreguei a minha monografia e neste mesmo ano, decidi vir para cá como eu consegui o meu bacharel então eu pensei em chegar no Brasil e trabalhar e estudar ao mesmo tempo... eu tenho dois irmãos na França, a minha irmã mais nova e os meus pais estão no Haiti, no momento só me passa pela cabeça ficar no Brasil... (P10, abril 2014, M, 30)

Percebe-se nos relatos dos participantes que o P4 tem noção da situação complicada que o país passa, mas, mesmo assim, considera-se feliz. O P10 fez planos e mesmo depois de dois anos no Brasil ainda considera a realização dos seus planos possível e não mostra vontade de se mudar.

Classe 7 – Trabalho no Brasil

A classe sete foi composta por 40 segmentos de textos, que equivale a 14% do *corpus*. Tem como variável associada os participantes que não tem curso superior e que se encontram há até dois anos no Brasil (nove participantes). A classe é composta por segmentos de textos que tenham palavras como *trabalhar, arrumar, serviço*, entre outras. Essa classe refere-se a vários aspectos que refletem o trabalho no Brasil, como eles veem as situações, as dificuldades em arrumar um serviço, o momento que o país vive, o relacionamento com os brasileiros, da ajuda de um lado e do preconceito do outro. Refletido no relato do P14:

Faz dois anos que moro no Brasil, fiquei somente um ano e um mês trabalhando em um restaurante, faz seis meses que estou sem trabalho, estou procurando e quando vou procurar serviço me falam que não tem vaga para estrangeiro. (P14, nov.2014, M, 28)

Muitos citam a situação econômica do país e como ela reflete no trabalho que exercem, ou na dificuldade para os que estão desempregados. P11 conta como o emprego esperado pode tomar outro rumo e como os planos acabam sendo alterados:

Mas chega aqui eu consegui emprego, mas os empregadores tinham má fé, eu saí para trabalhar em Ponta Grossa e depois de dois meses não deu mais, porque a empresa que me contratou era daqui e perdeu o contrato e eu voltei aqui, e desde este ano eu não trabalho, eu consegui um emprego como auxiliar de limpeza no batel, em um restaurante, comecei lá em outubro passado faz nove meses... pois a minha ideia era estudar, cada um tem uma história diferente, você pode conversar com outros haitianos que vão ter outra visão outros pensamentos eu quero trabalhar e estudar mas tem a crise...
 (P11, jan. 2014, M, 37)

Classe 2 – Dificuldades enfrentadas

A classe dois foi formada por 46 segmentos de textos, que equivale a 16% do corpus. Vincula-se às mulheres haitianas (três participantes). A classe contém segmentos de textos que tenham as palavras como *falar, trabalho, difícil, morar*, entre outras. Traz preocupação e relato dos problemas enfrentados e vividos. Como demonstra o trecho que ilustram o conteúdo da classe.

Agora eu estou somente trabalhando, eu gosto mais ou menos porque tem poucos brasileiros que gostam dos estrangeiros lá onde eu trabalho no restaurante, eu faço tudo sempre, eu faço faxina, comida, preparamos espaguete e os brasileiros que trabalham lá trabalham menos, eu trabalho mais, eu não falo nada, fico quieta, porque eu estou lá para trabalhar então fico quieta.
 (P.15, jan 2014, F, 30)

Aqui eu fui trabalhar em São José dos Pinhais em um emprego de costura, não era bom porque em três meses não pagaram o meu dinheiro, não pagavam vale-transporte eu tinha que ir da minha casa todos os dias, como que eu ia trabalhar sem vale-transporte? Era um problema então eu devia ter ficado na minha casa sem trabalhar. Agora, isto é muito difícil para um

haitiano, agora eu estou sem trabalho, estou procurando... eu não pude ir para a escola, eu não pude aprender nada, tenho que trabalhar e depois ir para a minha casa e fazer tudo... (P7, fev. 2015, F, 19)

Nos trechos, das respostas das duas participantes, é possível perceber semelhanças, as duas relatam as dificuldades que encontraram. A primeira relata o trabalho árduo, pesado e a segunda a inviabilidade de uma situação mínima de trabalho. São relatos de duas mulheres que demonstram claramente necessidade de dividir os percalços de seus dia a dia.

A representação social do trabalho mudou. No contexto atual há a influência da representação estruturada com a realidade do passado com a ação dos fatos vividos no presente transformando as representações. Aquela que existia no momento da chegada ao Brasil de esperança e oportunidades, onde conhecidos compartilhavam mensagens de confiança com a visão de muitos empregos abertos foi se adaptando a realidade. Há uma mudança de pensamento em relação à vida e ao trabalho no Brasil. As alterações mais citadas são: percebem-se sozinhos, o trabalho é duro, o salário não é equivalente às exigências, percebem diferenças, preconceito e racismo. A remuneração não é suficiente para pagar as contas do mês e enviar dinheiro aos familiares.

As mulheres participantes da pesquisa são mais detalhistas ao contar sobre as dificuldades do dia a dia, mas os relatos não são diferentes do que contam os homens. Mesmo com as dificuldades, os três haitianos que estão frequentando curso superior têm uma visão, apesar de realista, otimista com os resultados que podem obter após concluir os seus estudos e consideram o Brasil melhor que o Haiti, já os que não têm curso superior se concentram nas suas falas em relatar as dificuldades que enfrentam com os baixos salários, contas a pagar e a falta de perspectiva em adquirir os bens que se desfizeram no Haiti.

5.3 REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO TRABALHO E O FUTURO

Como resposta a terceira pergunta: O que espera em relação ao trabalho e oportunidades para o futuro? O *corpus* foi composto por 15 textos, que deram origem a 200 segmentos de textos que continham 1098 palavras diferentes. Para a análise foram consideradas as palavras com frequência igual ou superior a quatro e qui-

quadrado com significância estatística ($\chi^2 \geq 3,84$, $gl=1$). A taxa de segmentos de textos retirados para análise foi de 67%. A CHD deu origem a quatro classes compostas por segmentos de textos diferentes entre si. Em cada uma das classes foi exibido o título da classe; as palavras que compõem os STs com as respectivas frequências e o valor de qui-quadrado.

Na Figura 3 é possível constatar que a primeira partição do *corpus* opõe a classe quatro que trata sobre a pretensão de trazer parentes às demais classes. A segunda partição mostra a oposição das classes um, sobre ficar no Brasil em relação às classes dois com o título aqui ainda é melhor e classe três, sobre expectativa de trabalhar e estudar. A terceira partição nota-se que as classes dois e três se opõem entre si.

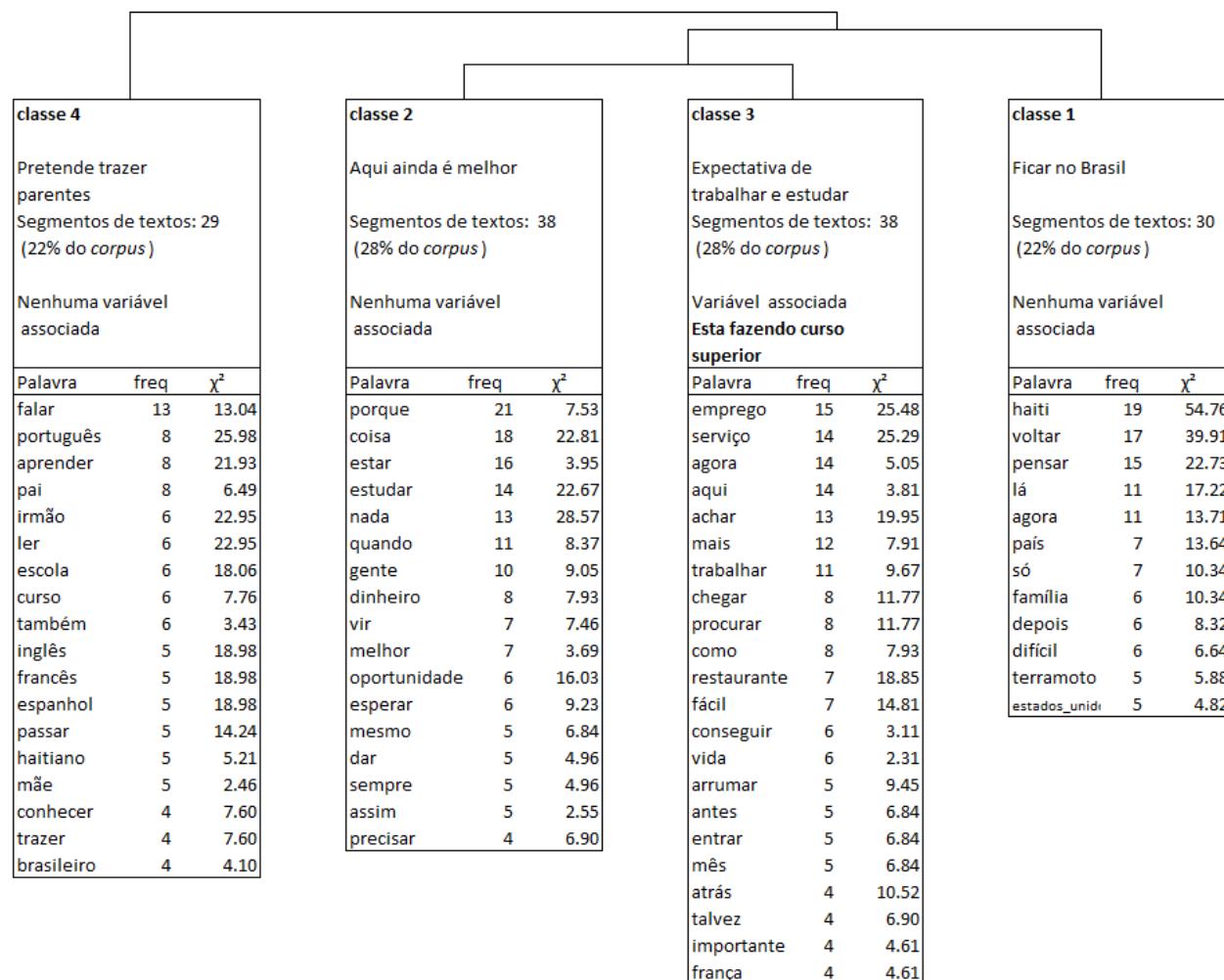


Figura 3- Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente (CHD). O que você espera em relação ao trabalho e oportunidades para o futuro?

Classe 4 – Pretende trazer parentes

A classe quatro foi formada por 29 segmentos de textos, que equivale a 22% do *corpus*. Não tem nenhuma variável vinculada. A classe contém segmentos de textos que tenham as palavras como *falar*, *português*, *pai*, *irmão*, entre outras. Há nos relatos considerações sobre a família, os sentimentos que os ligam, e a saudades. Pode-se observar o relato de dois participantes que planejam trazer seus familiares para o Brasil.

Para o futuro eu não penso em voltar, e não quero ir para os Estados Unidos, eu quero ficar aqui. Aqui é um bom país, não tem guerra, não tem terremoto. Aconteceu uma coisa que é muito grave agora que é a crise do país, mas eu gosto daqui eu espero que esta crise acabe, se ela acabar ficará melhor para todo mundo que está vivendo aqui. Eu quero trazer o meu pai, eu tenho seis irmãos, tem três que já se casaram, uma é menor, que eu uma menina, tem quatorze anos, estou esperando ela terminar o ensino médio para trazê-la para cá. O meu pai, eu quero trazê-lo também, porque eu gosto muito dele, ele fez muita coisa por mim... (P3, jan 2014, M, 30)

Meu pai faleceu em setembro do ano passado, minha mãe está no Haiti eu a ajudo, eu tenho duas irmãs que estão aqui comigo uma fez enfermagem no Haiti e a outra faz ensino médio numa escola perto da minha casa eu que falei para elas virem, a minha mãe já tem visto, mas como eu perdi o emprego não tenho dinheiro para comprar a passagem para ela vir... (P8, jan 2013, M, 27)

Os dois participantes demonstram a vontade de trazer integrantes da família, o segundo inclusive já trouxe duas irmãs. Contam que os planos foram adiados devido às dificuldades econômica que vivem.

Classe 1 – Ficar no Brasil

A classe um foi composta por 30 segmentos de textos, que equivale a 22% do *corpus*. Não tem nenhuma variável associada. A classe tem seu conteúdo agrupado nos segmentos de textos que tenham as palavras: *Haiti*, *voltar*, *pensar*, *agora*, *país*, *só*, entre outras. Essa classe traz a expectativa sobre o futuro, na qual alguns

participantes mostram a vontade de viver no Brasil. P2 e P15, por exemplo, narram a intenção de ficar no Brasil:

Estou pensando, depois que terminar o curso, que posso trabalhar em um lugar melhor, quem estuda é bom, tem gente que estuda aqui e depois volta para o seu país. Eu, por enquanto, não penso nisso, tenho pai e mãe um irmão e uma irmã, não penso em trazer meu pai, quero que eles venham conhecer, mas eles não vão querer viver fora. Não quero voltar para o Haiti, mas só Deus sabe do futuro para pensar tem que continuar bem, porque a gente está sempre procurando... (P2, ago 2013, M, 23)

Eu, no momento, não penso em voltar para o Haiti, eu vou ficar aqui, meu filho irá para a creche e eu vou continuar trabalhando, procurando um curso uma escola para eu poder voltar a estudar. Pretendo ficar aqui, só vou para o Haiti se for para ver a família e voltar para cá, eu gosto de morar aqui...eu não penso em voltar para o Haiti, porque agora eu tenho um filho e ele é brasileiro eu posso aguentar um pouco... (P15, jan 2014, F, 30)

Esta classe reflete a vontade de não voltar ao Haiti, o primeiro participante demonstra a sua intenção de ficar no Brasil principalmente pelo curso que frequenta na UFPR, a segunda já criou vínculos familiares, tem um filho que nasceu aqui.

Classe 2 – Aqui ainda é melhor

A classe dois foi composta por 38 segmentos de textos, que equivale a 28% do *corpus*. Sem nenhuma variável associada. A formação da classe contém segmentos de textos que tenham as palavras como *estar, estudar, melhor, oportunidade*, entre outras. A classe trata de uma reflexão feita sobre o futuro, os participantes concluem que o Brasil está melhor que o Haiti.

Vou trazer eles, a minha família, eu vou ficar, no Haiti tem pouco para fazer, se eu volto para lá o que vou fazer? Continua ruim lá, tem muita corrupção. Depois do terremoto muitas pessoas fizeram caridade e as pessoas pegaram esse dinheiro e colocaram no bolso, e o povo fica triste e sem nada. Eu continuo achando que o Brasil é bom e tem oportunidades, vai ficar melhor, a

economia vai melhorar, tem que esperar que vai ficar melhor. Se eu não achar nada para fazer aqui, eu vou aprender uma profissão... lá no Haiti a casa quase caiu encima de mim, o meu coração não aguenta mais um terremoto, as pessoas perdem muita coisa o meu pai perdeu muitas coisas...
(P9, abril 2014, M, 36)

Tem que entender uma coisa, não é culpa do Brasil, o governo queria mesmo ajudar a gente porque a gente queria uma vida melhor, uma oportunidade. Antes as coisas não estavam bem no Haiti, veio depois o terremoto, agora a vida é muito mais complicada que antes. Estou falando daquela época do terremoto, pioraram as coisas, e para o povo que geralmente o custo de vida pesa mais, eles ficam preocupados com a situação econômica do país. São eles, que estão tentando uma vida melhor lá fora, o que preocupou o Brasil é a vontade de ajudar este povo que quer melhorar a sua vida... (P10, abril 2014, M, 30)

Os dois participantes lembram que o Haiti tem outros complicadores, além do recente terremoto, há a corrupção e a crise financeira, que faz do Brasil uma escolha melhor.

Classe 3 – Expectativa de trabalhar e estudar

A classe três foi composta por 38 segmentos de textos, que equivale a 28% do corpus. À classe estão associados os respondentes que estão fazendo curso superior (dois participantes). Compõem a classe segmentos de textos que tenham as palavras como *emprego, serviço, agora, aqui, trabalhar*, entre outras. Os relatos convergem para expectativas futuras de estudar e trabalhar. Os participantes P8 e P1 mostram este desejo:

Eu penso em ficar no Brasil, e penso em fazer o vestibular, apesar de que agora por estar desempregado, não consigo pensar em nada. Em voltar, eu não pensei... para o futuro eu penso em conseguir um trabalho e uma oportunidade para estudar, porque fazendo os dois juntos eu vou conseguir sustentar a minha vida... sem educação você não consegue conquistar as coisas, porque quando você estuda é uma oportunidade para você e para o

país também, se você não estuda fica parado... ter um bom emprego é melhor para sustentar todas as necessidades, mas nem sempre é assim, porque você pode gastar tudo em um curto prazo, mas quando você estuda, você pode pensar em um longo prazo você fará as coisas de outra maneira... (P8, jan 2013, M, 27)

As expectativas do P8 para o futuro mostram-se direcionadas a estudar. Demonstra preocupação, pois acredita que somente quando conseguir estudar e trabalhar garantirá para si e sua família um futuro promissor.

Ainda não penso em o que fazer no futuro, a melhor coisa que pode acontecer na vida da pessoa é estudar, imagina se você, agora que sou jovem, eu estou trabalhando e com salário mínimo, mas e se eu não estudar, no futuro eu não vou ter nada. (P1, dez 2013, F, 25)

Nesta classe há o pensamento que o estudo e o trabalho possam andar juntos. O participante explica que para ter um destino melhor deve conciliar trabalho com estudo, faz a leitura que sem estudar seu futuro ficará restrito.

As representações sociais para o futuro, que os participantes da pesquisa manifestaram, não tratam tanto de planos, mas de intenções. Têm a vontade de permanecer no Brasil, pois ao compararem com o Haiti acham que aqui ainda é melhor. Demonstram o desejo de trazer os parentes e sobre o trabalho querem dividir seu tempo entre o trabalho e o estudo visando um futuro com melhores escolhas. As representações passam pelo tempo e sofrem transformações, há a formação de um ciclo, iniciado com expectativas, com oportunidades e emprego, depois a realidade que veem e compartilham, a vontade de mudar, ir para outra cidade, outro país, no entanto, a maioria quer mudar a sua vida, idealizam um trabalho melhor com possibilidade de estudar e se manter no Brasil, creem nos seus vínculos sociais e reforçam a representação que têm da situação social e econômica de seu país de origem e consideram o futuro aqui melhor.

6 DISCUSSÃO

Neste item são resgatadas considerações importantes apontadas pelos entrevistados sobre o tema investigado, buscando ligações existentes nas falas com foco na representação social na perspectiva da psicologia social comunitária.

6.1 ALGUMAS OBSERVAÇÕES NA ÓTICA DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL

A representação construída, compartilhada e captada nas narrativas dos participantes da pesquisa, traz a realidade comum que os quinze participantes construíram sobre o caminho que os trouxeram ao Brasil. Neste item será feita uma análise dos três momentos que marcaram a migração do haitiano (antes, agora e futuro) e acompanhar a representação social sobre o trabalho no decorrer deste tempo.

Há uma linha de pensamento definidora deste primeiro momento, quando os participantes da pesquisa falam do antes de chegar ao Brasil, o terremoto, a viagem, as oportunidades e as pessoas conhecidas. Conforme mostra a Figura 4, a viagem é que vem primeiro à memória, é a lembrança de como foi forte a experiência; longeva, perigosa e cansativa. Levantam-se questões que foram definidoras na tomada de decisão. Havia um pensamento compartilhado e fortalecido, junto a outras pessoas, de que o Brasil era um país de oportunidades de trabalho, e, como este pensamento foi decisivo no momento da tragédia ambiental que ocorreu no Haiti. Juntando-se a esperança de emprego, relatado por parentes e pessoas conhecidas que vinham e falavam desta nova realidade, a vontade de ir mais longe, estudar, se qualificar e obter um salário maior.

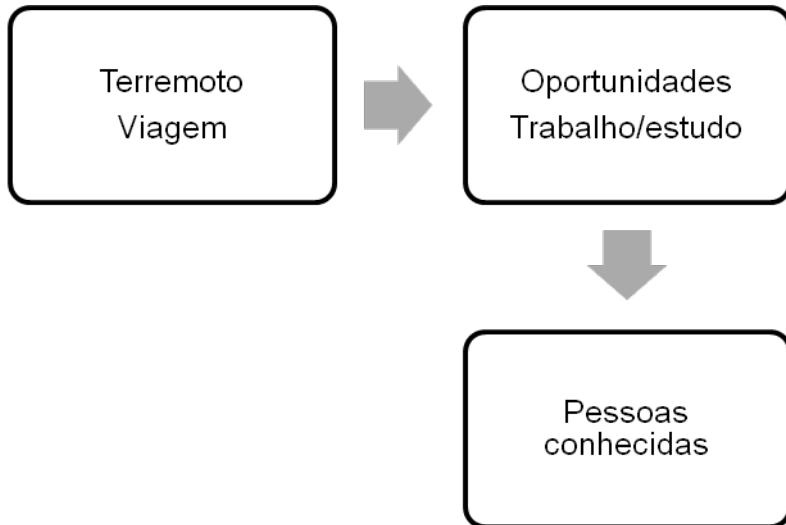


Figura 4 – Representação da expectativa em relação ao Brasil

Quando indagados sobre o que pensavam do trabalho no Brasil quando ainda estavam no Haiti os entrevistados falaram sobre a vida que levavam antes de migrar pois era uma entrevista aberta. Contaram o que julgaram estar relacionado a pergunta e falaram onde trabalhavam, estudavam e onde estavam no momento do terremoto. Os que estavam na capital, oito participantes, descreveram este momento como assustador. No entanto, a decisão de vir ao Brasil não foi motivada somente pelo terremoto. Queriam estudar, completar sua educação na universidade ou começar um novo curso. Outro fator comum entre os entrevistados relaciona-se ao trabalho, estes pretendiam alcançar um salário com o qual conseguissem pagar as contas mensais e enviar dinheiro aos parentes. Alguns falam das pessoas que os incentivaram e transmitiram informações sobre o Brasil, como P4 relatou:

Eu só conhecia o Brasil por causa do futebol, a maioria dos haitianos torce pelo Brasil, até eu torço, isto ajudou bastante na hora de decidir antes de eu vir. Eu estava estudando, fazendo um curso técnico em mecânica e tinha um colega meu que vinha para cá e conversando com ele, ele me disse que aqui tinha uma vida melhor e eu comecei a analisar esta ideia, conversei com a minha mãe e irmãos para a gente vir para cá. Já estou há um ano e meio aqui, eu vim sozinho, estou até agora sozinho, eu trouxe o meu primo para cá, mas até hoje estou procurando uma vaga de emprego para ele... (P4, abril 2014, M, 27)

Quase todos os participantes informaram que foram encorajados por conhecidos, parentes ou amigos, que falavam sobre o Brasil: quatro participantes tiveram parentes que vieram primeiro e passaram informações do país; cinco pessoas tinham amigos que estavam no Brasil; três foram incentivados por parentes no Haiti, um foi motivado porque escutou o presidente do Brasil em pronunciamento e outro veio em missão. Os conhecidos ou parentes ajudaram a arrumar emprego e/ou incentivaram a traçar caminhos para se qualificarem e retomar os estudos.

Todos, em seus relatos, contam que de alguma forma tiveram contato com outros haitianos, que não conheciam antes, no Brasil. Um contou que conheceu uma pessoa que o ajudou a se localizar na cidade, pois o reconheceu como haitiano e se aproximou falando a mesma língua, o *creóle*. Outra entrevistada se casou com um haitiano no Brasil, que conheceu aqui. Outro se aproximou de uma banda de haitianos para tocar um instrumento, e um outro conheceu conterrâneos no trabalho. É constante nos relatos estes vínculos existentes entre os haitianos, no Brasil ou no Haiti.

As pessoas que os incentivavam a migrar reforçavam um pensamento já formado sobre o trabalho antes de migrar que incluía a facilidade de arrumar emprego e a extensa oferta de vagas. Havia a influência de uma empolgação derivada das redes de comunicação informal (do boca a boca) e da mídia, trilhando o caminho de influências que foram vitais na construção representativa (Jodelet, 2001).

Seguindo os passos do pensamento dos entrevistados conforme a Figura 4 percebe-se que os entrevistados tinham uma representação otimista do trabalho e da vida que teriam no Brasil. A visão de um país de oportunidades e de um futuro promissor. Cabe aqui uma questão, por que a representação compartilhada dos que aqui já estavam era transmitida de forma otimista àqueles que embarcavam no Haiti? Pode-se considerar que como disse o P13 que talvez nem toda a verdade era contada. Ou, possivelmente a mais coerente, a situação econômica e política do Brasil mudou muito de 2014 até os dias de hoje, as perspectivas eram boas, as oportunidades existiam, mas foram sucumbindo a uma profunda recessão, com perdas salariais e o mais grave, o desemprego. A memória de um período, de 2011 a 2013 se reportava àqueles momentos de prosperidade onde a crise era considerada apenas nas previsões.

Na representação social do trabalho narrada no momento da entrevista, foi possível a partir das respostas, verificar a existência da formação de quatro pilares que refletiam o que eles pensavam sobre as suas vidas. Esses pilares exibidos na Figura 5 demonstram os processos de formação do conhecimento da realidade no Brasil.

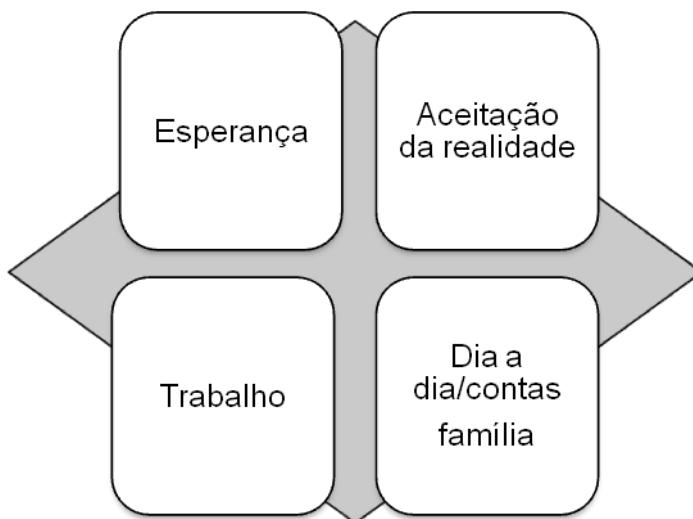


Figura 5 – Representação do trabalho no Brasil

As expressões que deram suporte ao primeiro pilar, esperança, são: vontade de estudar e aprender. Citando alguns entrevistados: “*minha ideia era estudar e trabalhar*”, “*vim para concluir meus estudos*”. Dos quinze entrevistados, o estudo entrou na fala de nove: dois estão estudando na UFPR, um está fazendo um curso técnico e outros seis mencionaram vontade de estudar. Ao relacionar a RS com os haitianos (sexo masculino) que estão cursando a universidade percebe-se o interesse, a procura do conhecimento, em aprender. O respondente P8 faz a seguinte observação: “*A minha motivação de vir era oitenta por cento para ter uma continuidade no meu estudo*” (P8, jan. 2013, M, 27). Este objetivo mostra o impulso para novas perspectivas.

Nas narrativas percebe-se a mudança de pensamento, aceitando a vida como ela se apresenta o que caracteriza o segundo pilar. Instalados no Brasil as expectativas mudam é quando percebem que nada era como imaginavam, é o “choque da realidade”. As representações se transformaram, agora compartilham as dificuldades que encontraram e a aceitação do que não conseguem mudar. Como no relato do P14: “*Agora estou procurando serviço... eu gosto do Brasil, as pessoas são gente boa, não posso falar que não tem gente mal, todo lugar tem... do clima eu*

gosto mais ou menos... se eu colocar na balança ainda acho que aqui está melhor" (P14, nov. 2014, M, 28).

Deve-se considerar que muitos estavam desempregados (sete participantes), e os demais (oito participantes), mesmo empregados, revelaram dificuldades para pagar as contas, somando a estes problemas passavam por processo de adaptação, cultural, da língua e do clima. Há características comuns nas falas que ao mesmo tempo em que relatavam as dificuldades cotidianas, tentavam amenizá-las. Estes traços considerados nas expressões podem ser tratados pela perspectiva da psicologia social comunitária como uma visão fatalista, quando dizem: "*eu estou feliz porque eu tenho saúde, o meu sonho me deixaria feliz ainda não aconteceu, mas se estivesse no hospital seria pior*", onde existe uma "relação particular de sentidos que as pessoas estabelecem consigo mesmas e com fatos da sua existência. E que resultará em comportamentos conformistas e resignados" (Martin-Baró, 1998, p.76). Uma aproximação da religiosidade para aceitar as dificuldades da vida, quando outro participante diz: "*hoje eu estou feliz, graças a Deus, eu tenho saúde e estou trabalhando*".

Há uma indicação de aceitação da realidade, apesar de não se mostrar conforme o esperado. O respondente P8 diz:

Eu não fiquei decepcionado, mas sabe quando a pessoa quer uma coisa mas não tem cem por cento...então eu estou feliz,...aqui eu não tenho tantos problemas, graças a Deus eu não encontrei nenhuma pessoa que me fizesse mal ou outras maldades, então estou bem sucedido. (P8, jan. 2013, M, 27)

Segundo Martin-Baró (1998), alguns sinais refletem traços de tendências comportamentais característicos do fatalismo, o conformismo, a passividade diante da dificuldade de mudar o próprio destino e a redução do horizonte para o presente.

No terceiro pilar, onde o trabalho é o assunto principal, os quinze participantes relataram que principalmente o trabalho foi o motivo de sua imigração. É onde a representação social do trabalho anterior à migração ainda não sofreu alteração: é relatada a chegada à cidade e a procura de emprego, neste momento, alguns participantes confessam que encontraram o que esperavam, havia sim muitas ofertas de emprego. Como no recorte da fala do P4 "*eu acho que o que o meu amigo dizia, ele tinha razão, porque a gente nem fala a língua e mesmo assim arruma serviço*" (P4, abril 2014, M, 27). No entanto, a RS que predomina é que o

trabalho está muito longe do ideal. Com muitas exigências e pouco retorno financeiro. Há aqui uma mudança na representação social agora é carregada de decepção e apreensão como conta o P12: “*as pessoas chegam aqui e depois de uma semana dizem porque eu vim para cá é uma decepção grande*” (P12, fev. 2014, M, 35).

No último e quarto pilar, dia a dia, contas e família, consiste no processo de moradia, com quem divide a habitação e como paga as contas, e ainda, como esta etapa piora com a ausência dos entes queridos, da família. Os quinze participantes já tinham algum conhecido aqui que os auxiliaram na chegada, quase todos tiveram a ajuda desta mesma pessoa para arrumar o primeiro emprego. O baixo salário é sempre citado e a dificuldade em pagar as contas do mês também. Dos que relatam a visão da realidade que tinham antes, dez relatam que a realidade não era como esperavam, “*cheguei e vi que não era nada daquilo que a minha tia me falava, é muito ruim, muito difícil*” (P7, fev. 2015, F, 19), e “*quando eu cheguei vi que não era como eu imaginava*” (P8, jan. 2013, M, 27). E ainda falam de como a situação econômica do país refletiu nas suas realidades, “*antes estava bom, agora está difícil*” (P14, Nov. 2014, M, 28); “*antes eu pensava em trazer a família, agora não penso mais, por causa da dificuldade de emprego*” (P4, abril, 2014, M, 27).

É possível perceber que a representação social dos participantes se altera de como era no momento que vieram para o Brasil e como ficou depois já vivendo aqui. Antes as expectativas eram positivas, tinham o relato otimista dos conhecidos, passado um tempo a visão mudou, pois contaram que os empregos disponíveis não eram para pessoas qualificadas, mas sim para ocupações pouco qualificadas e trabalho braçal, com salário baixo inviabilizando o pagamento das contas mensais e envio de dinheiro aos familiares.

Ao serem perguntados sobre o futuro, a representação social se fixou em três posições. A de ficar no Brasil de qualquer jeito e trazer os parentes, na segunda de querer estudar e buscar uma vida melhor, unindo o trabalho e o estudo e a terceira foi a ponderação de que o Brasil está melhor que o Haiti. Como mostra a figura 6.

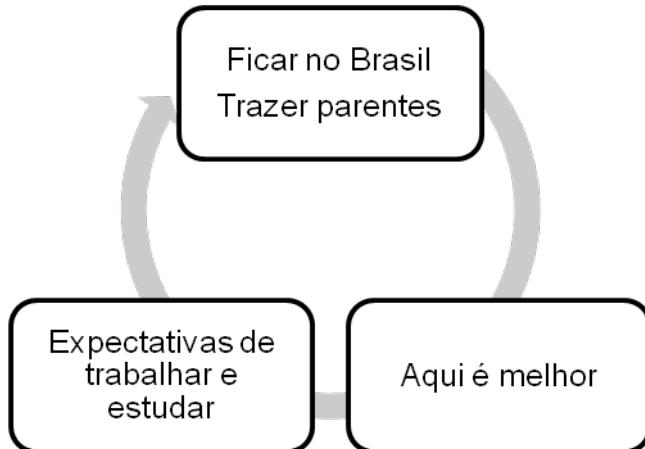


Figura 6 – Representação para o futuro

Percebe-se que ao se tratar do assunto futuro os participantes consideram ficar no Brasil e também em trazer os seus parentes. Têm planos, de conquistar um emprego melhor do que já tiveram, querem estudar e avaliam que viver no Brasil é melhor do que voltar para o Haiti.

Nos relatos, nove participantes têm como representação em relação ao futuro a vontade de permanecer no Brasil, “*Para o futuro eu não penso em voltar...eu quero ficar aqui, aqui é um bom país, não tem guerra, não tem terremoto*” (P3, jan. 2014, M, 30), outra exposição que demonstra o pensamento sobre o futuro, “*Eu vou ficar no Brasil, posso arrumar alguém e me casar*” (P14, nov. 2014, M, 28). Contam que pretendem ficar e fazer o possível para proporcionar a vinda dos parentes, “*vou trazer eles, a minha família, e vou ficar, no Haiti tem pouco para fazer, se eu voltar para lá o que eu vou fazer? continua ruim lá*” (P9, abril 2014, M, 36) e ainda, “*eu tenho duas irmãs aqui comigo, eu falei para elas virem. Pretendo trazer a minha mãe*” (P8, jan. 2013, M, 27).

Deve-se registrar que os que estão motivados a ficar no Brasil citam, sem ignorar, a crise que o país enfrentava e que ela dificulta fazer planos ou uma reserva financeira e que sem a crise econômica os objetivos seriam diferentes, mas lembram da situação ainda ruim que se encontra seu país de origem. A minoria fala em voltar, mas sem deixar claro como e quando pretende retornar, o desejo de voltar é justificado pelos empregos que acham ruins e pela crise que o país passava.

Na representação social que projetam para o futuro falam de planos, de sonhos. Neste momento entra a vontade de se qualificar, de estudar. Como diz este participante “*a melhor coisa que pode acontecer na vida da pessoa é estudar*” (P1,

dez. 2013, F, 25). Os dois participantes que estão estudando na UFPR fazem planos e esperam um futuro melhor, com um trabalho onde possam ter um salário mais alto. Como relata um deles: “*quando você tem um conhecimento bom, alto, quando conhece muita coisa, pode desenvolver muitas coisas... talvez possa achar um trabalho legal com um salário melhor*” (P2, ago. 2013, M, 23). Nove dos quinze entrevistados contam dos planos que nutrem de estudar, alguns pensam em estudar no Brasil e dois pensam em estudar em outros países.

Os participantes da pesquisa informaram que os planos que fazem para o futuro nem sempre estão muito bem definidos ou claros, mas ao confrontarem a realidade que conheciam no Haiti com a que vivem no Brasil são capazes de fazer um balanço e projetam o futuro no Brasil com otimismo e esperança. Os participantes que estão estudando na UFPR reforçam uma visão de que o Brasil pode ser melhor: “*aqui é melhor, de como estávamos lá, sem fazer nada, podia acordar um dia e ficar dormindo, ficar brincando, não tinha nada para fazer... sem fazer nada você sempre depende do outro*” (P2, ago. 2013, M, 23). E o outro estudante, “*aconteceu uma coisa muito grave que é a crise, mas eu gosto daqui. Eu espero que esta crise acabe e assim ficará melhor para todo mundo que está morando aqui*” (P3, jan. 2014, M, 30). Alguns falam que o diferencial do país são também as pessoas, como recebem bem, dos amigos que fizeram e a ajuda que tiveram. “*Os brasileiros acolhem bem os haitianos*” e “*... tive um amigo brasileiro que me ajudou muito, nunca vou esquecer-lo*” (P11, jan. 2014, M, 37). Mesmo os que se encontram desempregados conseguem ver um lado positivo, falam das relações que mantêm, do aprendizado que carregam.

Na Figura 7, uma linha do tempo é exibida, para sintetizar a representação social do participante da pesquisa.

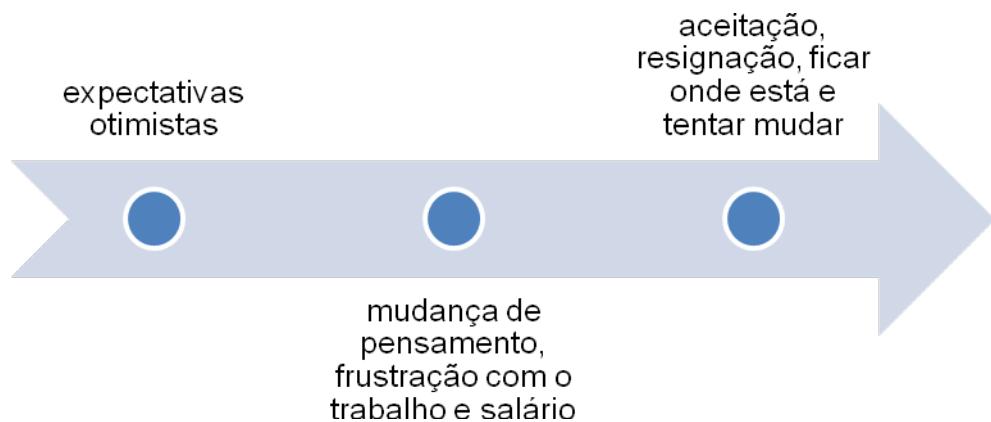


Figura 7 – Representação social dos três períodos

Após os dados apresentados, consequência do que foi compartilhado pelos participantes da pesquisa nas suas narrativas, pode-se perceber a formação de três representações sociais diferentes em três períodos de tempo. A passagem do tempo foi determinante na mudança que sofreram as representações sociais do trabalho. Comparando os três períodos pode-se dizer que no primeiro período, que inclui a mudança e a chegada ao Brasil as representações foram construídas com expectativas, houve uma construção mental da realidade resultante de fatos contados e compartilhados que formaram uma visão otimista do futuro. O pensamento de um país ideal, cheio de bons empregos e facilidades. No segundo período, no entanto, já no Brasil, ocorre a constatação inevitável da realidade, o trabalho era árduo, exigia mais vigor físico do que intelectual e os salários eram baixos. No terceiro e último período a visão de um futuro descomplicado fica totalmente comprometida, consta palavras de desânimo com aceitação de que o futuro possa se modificar rapidamente. A representação de um futuro compartilhado pela esperança, com melhores condições de vida mostra-se presente, com empregos onde seja possível usar a qualificação que já tem ou que pretende obter, estudar e trabalhar, e que o país possa se recuperar e oferecer mais oportunidades.

6.2 O MIGRANTE HAITIANO E O TRABALHO

Estudos feitos anteriormente com haitianos investigaram as impressões, expectativas em relação às condições de vida e trabalho no Brasil, antes e depois de migrar, como os estudos de De Sá (2015), Fernandes e Castro (2014), Da Silva (2013), Gottardi (2015) e Queiróz e Ferreira (2016). O primeiro estudo (De Sá, 2015) descreve que os haitianos entrevistados mostraram uma preocupação em colher informações com conhecidos e parentes antes de viajar, averiguavam questões que naquele momento eram importantes para eles: empregabilidade, segurança (política e econômica) e a possibilidade de viverem legalmente. No entanto, no momento da entrevista de De Sá (2015) identificou que os haitianos percebem que o salário não era como imaginavam (não se preocuparam em verificar antes), se sentiam decepcionados pelas dificuldades encontradas e pela verificação da pouca perspectiva de ascensão profissional e econômica.

Na pesquisa feita em Curitiba, identificou-se que os haitianos tiveram representações do Brasil formadas pelo o que viam na TV, nas trocas de informações com as pessoas que se relacionavam, conversavam e através de mensagens recebidas daqueles que já estavam no Brasil. E ainda através de eventos divulgados, como a copa do mundo, ajudaram a chamar a atenção deles para o Brasil e para a possível empregabilidade, pois simpatizavam com o país e gostavam muito do futebol brasileiro. Como na pesquisa de De Sá (2015), alguns externaram muita decepção, compartilham essa percepção, acham o trabalho daqui duro, exigente e cansativo. Os participantes da entrevista relataram que não conseguem estudar, pelo cansaço e falta de tempo e sofrem com o salário baixo que não possibilita planos futuros.

No segundo estudo (Fernandes & Castro, 2014) foi verificado que o trabalho motivou a vinda ao Brasil, seguido pela procura de melhores condições de vida. Mostram-se descontentes com os salários e a situação do trabalho, querem mais oportunidades de estudo. Disseram que necessitavam de mais informação antes de migrarem.

Na pesquisa com os migrantes em Curitiba, verificou-se que o trabalho e o estudo impulsionaram os haitianos a considerar o Brasil uma escolha ideal, alguns dos entrevistados formaram a ideia de que seria tranquilo estudar e trabalhar por meio período, mas disseram que isso era quase impossível devido às oito horas

diárias e as exigências do trabalho. Citaram a falta de informação, mas não demonstraram que esta falta fez diferença na tomada de decisão. Há, em alguns, o espírito de ter que vir para vivenciar a realidade.

No estudo de Da Silva (2013) chama à atenção para a baixa escolaridade dos entrevistados. A decisão de vir para o Brasil é uma decisão familiar, já que vendem bens e chegam aqui na expectativa de devolver o dinheiro gasto, por isso o trabalho é o objetivo principal. A pesquisa mostrou que ao chegarem aqui muitos já têm alguma pessoa para entrar em contato, algum amigo ou parente que já está no Brasil. Muitos dizem que gostariam de continuar seus estudos. Reclamam da oferta de emprego somente na área de serviços. Falam da decepção com os empregos e os salários, e que geralmente o salário ofertado é o mínimo.

Há uma diferença entre a pesquisa desenvolvida aqui em Curitiba e a pesquisa de Da Silva (2013) em relação ao perfil dos respondentes. Na pesquisa de Da Silva (2013) muitos tinham baixa escolaridade ao contrário da maioria dos haitianos que participaram desta investigação na qual mais da metade (oito participantes) tinham curso superior incompleto, no entanto esta diferença era esperada já que houve uma preferência por haitianos com escolaridade maior. Pois a listagem fornecida pela UFPR constava pessoas que queriam cursar a universidade, mas depois como poucos responderam ao contato buscaram-se migrantes no CEAMIG.

Foram encontradas importantes ligações entre o modo de pensar e ações nas duas pesquisas, como o interesse em continuar os estudos ou começar um curso universitário no Brasil. As redes familiares e de conhecidos também se repetem, eles se mudam para o sul do país seguindo os passos de alguém que aqui já está, e esta pessoa os ajudaram a arrumar emprego e moradia. A imagem que tinham em relação ao trabalho nas duas pesquisas mudou claramente ao entrarem no mercado de trabalho, havia uma expectativa de poder escolher o trabalho ou trabalhar em um ofício próximo ao que exerciam no Haiti, no entanto a decepção é clara ao perceberem que a realidade fugia muito do esperado.

No estudo realizado por Gottardi (2015) salienta-se a facilidade de entrar no país e isto motivou muito os haitianos, observaram que as fronteiras não eram monitoradas devidamente. Saíram do Haiti almejando melhorar a situação econômica em busca de oportunidades de trabalho. Reconheceram, ainda na

mesma pesquisa, que a situação aqui no Brasil ainda é melhor que no Haiti apesar de citarem os salários baixos.

Não foi citada, pelos haitianos entrevistados neste estudo em Curitiba a facilidade de entrar pelas fronteiras como na pesquisa de Gottardi (2015), mas sim a opção por entrar pelas fronteiras sem visto, motivados pela grande demanda de pessoas fazendo o mesmo e pela demora no atendimento da Embaixada do Brasil no Haiti. Fizeram referências à entrada relativamente tranquila apesar da viagem ter sido extremamente cansativa e longa. Não a fariam novamente. Os outros relatos coincidem, tinham representações otimistas antes de migrarem, visavam empregos com salários que permitissem ter um padrão de vida bom o suficiente para ajudar a família, pagar as contas e planejar o futuro. Apesar de mudarem a percepção que tinham antes, como na pesquisa de Gottardi (2015), acham o Brasil melhor que o Haiti. Fazem referência também ao salário baixo.

Queiróz e Ferreira (2016) identificaram que os haitianos decidiram vir influenciados pelas propagandas, pela mídia, que mostrava o Brasil como país de oportunidades. No entanto, no momento da entrevista, morando no Brasil, muitos estavam desempregados e os que trabalhavam exerciam tarefas na área de serviços ou serventes na construção civil, ganhando na sua maioria um salário mínimo. Destacaram as muitas dificuldades que enfrentavam e novamente o baixo salário e a falta de oportunidades.

Pelas representações dos haitianos na pesquisa em Curitiba, antes de viajarem percebe-se que coincidem muito com a pesquisa de Queiróz e Ferreira (2016) onde contam que tiveram contato com a realidade brasileira ao acompanharem a visita do presidente do Brasil ao Haiti, viram na mídia referências ao país. Nasceu um grande entusiasmo, pois além da abertura tinham grande simpatia pelo povo brasileiro e pelo futebol. Muitos também, como na pesquisa de Queiróz e Ferreira (2016), estavam desempregados e esta situação fazia a visão sobre o trabalho no Brasil ser negativa e sem esperança. E os que estavam empregados exerciam atividades na área de serviços e também lamentavam o salário.

Ao inteirar-se das representações sociais em relação ao trabalho que se espalhou entre os haitianos, em formato de ideias, percepções, expectativas e realidades compartilhadas pode-se ter uma ideia do que era divulgado antes deles migrarem, como tomaram a decisão e como estão vivendo agora, e ainda, o que

pensam sobre o futuro. É possível também perceber no acompanhamento das falas as mudanças dessas representações.

Ao analisar os estudos de: De Sá (2015), Fernandes e Castro (2014), Da Silva (2013), Gottardi (2015) e Queiróz e Ferreira (2016) pode-se ligar vários pontos comuns. O perfil dos entrevistados era na maioria homens e jovens. Constatou-se que as informações e referências que tinham do Brasil antes de imigrarem foram em todas as pesquisas embasadas nas relações que mantinham com pessoas próximas, pelas notícias veiculadas, de conversas com pessoas que já estavam no Brasil e ainda à abertura do país, através do visto humanitário para imigrantes haitianos. O principal motivo que os impulsionaram a migrar foi o trabalho.

As expectativas eram muito diferentes da realidade, assim constataram os haitianos. Chega-se à conclusão que as informações que tinham eram desencontradas da realidade e constataram que não tinham informações específicas sobre o tipo de trabalho disponível e a faixa salarial. Mostraram-se, em todos os estudos, insatisfeitos de maneira geral, acharam o custo de vida alto, o salário baixo, as oportunidades de crescimento escassas, e não viabilizam ascensão social. Em comum também tinham a vontade de estudar, em buscar novas oportunidades pelo caminho da educação.

Os resultados obtidos indicam que as representações sociais do trabalho que os migrantes haitianos absorvem e espalham independe da formação educacional, do trabalho que exerciam ou da atividade que agora exercem. Mostra que os migrantes chegam ao Brasil com muitas expectativas, apesar de sair de um país arrasado e sem previsibilidade de recuperação. Criam representações sociais baseados em notícias veiculadas na mídia e informações passadas pelas pessoas. No Brasil, percebem que a realidade é muito mais dura do que aquela dividida num imaginário coletivo. Entendem que foram abastecidos com expectativas de solucionar seus problemas, mas que eles não dependem somente de um visto humanitário e uma fronteira aberta. Percebem que o caminho para trabalhar na área que aprenderam algum ofício está repleto de obstáculos. As representações em relação ao trabalho no Brasil tendo como base a voz dos haitianos sofreram alterações e tem perspectivas sombrias, com muitas dificuldades, renda baixa e poucas possibilidades de ascensão.

Este trabalho feito em Curitiba se diferencia dos demais autores acima citados, pois considerou também o futuro. Os migrantes haitianos fazem projeções e

falam de suas intenções evitando confirmar planos, pois se sentem inseguros com o destino incerto. Os participantes desempregados não arriscam falar do futuro com muitos detalhes, a preocupação é o imediato, se empregar para pagar as contas. Os migrantes haitianos que pensam sobre o futuro consideram permanecer no Brasil, ponderam também a falta de opção, sem emprego e/ou dinheiro para pagar uma passagem aérea para voltar para o Haiti. Existe esta visão sombria, mas existe também o espaço para considerar o Brasil como escolha para o futuro, onde poderão estudar e trabalhar concomitantemente, visando uma vida com mais tranquilidade, se qualificando para desenvolver uma atividade mais leve e com uma remuneração mais alta. Entre as projeções do futuro está a vontade de trazer os parentes, deixando de se sentir sozinhos e inseguros, mas novamente a barreira imposta pela situação financeira é lembrada. Considerações sobre a crise política e financeira que atravessam os dois países são feitas, mas, na comparação, não houve dúvidas em afirmar que o Brasil ainda é melhor.

6.3 ALGUMAS REFLEXÕES COM ENFOQUE NA PSICOLOGIA SOCIAL COMUNITÁRIA

Alguns aspectos relativos a fatores sociais e comunitários presentes nas experiências relatadas pelos participantes da pesquisa mostram como se estruturou o processo que desencadeou na vinda do migrante ao Brasil, os acontecimentos que decorreram depois, e por fim a perspectiva do futuro.

O presente estudo teve como foco participantes da população de haitianos que vivem no Brasil, em que se constituiu por quinze pessoas que não se conheciam, mas, ao considerar os relatos, formavam com outros haitianos pequenos grupos, com os quais já mantinham vínculos antes de migrar e que também foram criando novos vínculos com outros haitianos no Brasil. Essas relações formam laços fortes decorrente da identificação existente, pela origem, pela língua e pelas situações comuns que vivem. Este grupo de haitianos desenvolveu num primeiro momento representações comuns entre si, carregadas de intenções coletivas, reflexo de valores comunitários construídos no Haiti, passavam de uns para os outros a intenção de migrar para o país e foram influenciados também pelos relatos

dos que já tinham emigrado, a mensagem dividida era que o Brasil estava aberto (devido ao visto humanitário), recebendo bem os haitianos e que tinha trabalho.

Esta investigação procurou construir um conhecimento utilizando a interação com os migrantes participantes da pesquisa e relatando as situações na perspectiva deles. “Investigar de que maneira os indivíduos conseguem reconstruir um espaço geográfico e estabelecer relações sociais após as situações de catástrofes” (Azevedo, 2009, p.66). Com a entrevista foi possível detectar que estes migrantes chegaram ao Brasil apoiados por referências previamente criadas, que tinha um padrão de pensamento e comportamento.

Inserido na realidade brasileira este migrante desenvolve um processo de integração e adaptação ao contexto vigente, a preocupação e investigação neste aspecto é compreender a conscientização do sujeito, de sua condição de vida e no lado social e cultural os significados compartilhados pelos integrantes do grupo (Campos, 1996). Grupo este que se identifica pelo que os constituem, ao olharem entre si se reconhecem e compreendem a sua singularidade. A inserção da pesquisadora nesta comunidade conferiu a extensão de seus saberes e a intenção de aqui poder compartilhá-los (Guareschi, 1996).

Os participantes de pesquisa, ao dividir as suas percepções e representações que tiveram do trabalho no Brasil, demonstraram credulidade. Consequência do referencial que tinham, baseados naquelas representações formadas antes. Nas suas impressões, as oportunidades, vagas de emprego, existiam, mas eram trabalhos que não sentiam orgulho de realizar, nas áreas de asseio e conservação ou no preparo de alimentos na sua maioria, os salários bem menores do que esperavam. A visão de prosperidade que tinham ao chegar muda, com a mudança vem a urgência dos pagamentos de contas do dia a dia, as faltas ficam mais expostas e sofridas, a ausência da família é a mais sentida, nesta realidade relatam a tentativa de fazer o que planejaram, estudar e trabalhar.

Os participantes mostram como a representação da realidade reflete em seus comportamentos. Ao confrontarem a realidade, constroem uma representação de mundo que varia conforme as suas necessidades (Campos, 1996). Forma-se assim um leque de intenções, a de estudar um ensino formal, de aprender a língua portuguesa, de se colocar melhor em um trabalho mais justo, mas aparece também a fé e a resignação. Quando instigados a pensar no futuro, veem o Brasil diferente, melhor do que o Haiti que conhecem e ponderam ficar.

As representações estão em permanente transformação, se guardam relação com o passado da comunidade, com suas tradições e história, são também o produto da prática presente e dos horizontes que guiam a ação dos grupos sociais. Não são somente as representações que orientam a conduta humana, mas esta mesma conduta e que contribui para construir representações. (Campos, 1996, p.172)

Ao considerar o que pretendem fazer num futuro próximo são cautelosos, mas arriscam alguns planos, há “uma construção de novas práticas, que na interação, produzem novos significados” (Campos, 1996, p.173). Exercem uma nova interpretação da realidade ao considerar o futuro e mostram nas falas a vontade de ser mais pró-ativo com as opções que observam com base nas experiências que tiveram. Há um consenso de pensamento, da conscientização de que algo precisa ser feito, saem da resignação de que a vida deve ser assim, para pensam em um futuro diferente.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender as representações sociais do trabalho contava com o desafio de aguçar os sentidos, de ouvir haitianos e ter a oportunidade de reproduzir as suas falas. Mostrar que este grupo de pessoas tem características de comunidade, tem uma história comum, dividiam os mesmos planos e compartilhavam o sonho de uma nova oportunidade de refazer as suas vidas. Vieram também pela força de sua união e na integração existente da vontade de cada um, diferente de qualquer outra associação feita por conveniência.

Conhecer as representações em um período de tempo permitiu conhecer as experiências dos haitianos em relação ao trabalho no Brasil e o que esperavam em relação ao futuro. Com a possibilidade de compreender as mudanças significativas que as representações sociais sofreram. A pesquisa mostrou que o pensamento do haitiano em relação ao trabalho no Brasil é compartilhado e são comuns entre pessoas entrevistadas, independente de idade, de sexo ou do tempo que estão no país. Ao pesquisar as representações sociais que tinham em três momentos diferentes foi possível constatar que elas sofreram influências das mudanças na

economia do país nos últimos anos, é legítimo entender a representação social como fenômeno social pela associação do pensamento, do tempo e da realidade.

Este pensamento social instiga a propor alguns desafios, por exemplo, na recepção dos migrantes que chegam ao Brasil, o desafio é tentar atender as necessidades imediatas e coibir excessos, é fato que com a entrada dessas pessoas que carregam história e cultura próprias vão passar por um processo de adaptação e com o tempo mudanças ocorrerão. Elas podem ser encaradas como positivas, como a ampliação e enriquecimento cultural; ou negativas, como enrijecimento e acirramento de preconceitos (Dantas, Ueno, Leifert & Suguiura, 2010). Programas devem ser desenvolvidos que visem à integração desta faixa da população à sociedade.

É importante pensar em políticas públicas que sejam planejadas para atender a este público, como também em uma maneira mais digna de recepcioná-los. Há necessidade de um avanço na política de imigração, a prática que é feita hoje com os haitianos que chegam, de registrá-los na região de fronteira, é uma medida que pode estimular o tráfico de pessoas (Pimentel & Cotinguiba, 2014). É necessário “lançar um olhar e uma reflexão que possam servir como uma abordagem crítica sobre a política de imigração brasileira” (Pimentel & Cotinguiba, 2014, p.83).

Esta pesquisa, com os migrantes haitianos, mostrou o papel da rede de informações repassadas por pessoas e pela mídia como forte causa da influência que sofreram para estruturar as representações sociais sobre o trabalho, ao chegarem ao Brasil. E ainda, que as representações do trabalho no momento que estão inseridos no mercado de trabalho refletem a realidade da falta de reconhecimento e de uma remuneração justa em trabalhos vitais para a sociedade como o de asseio e conservação e do preparo de alimentos. E finalizando, como essas mudanças nas representações, alinhadas com uma realidade incerta, faz a representação do futuro seja a esperança de um futuro melhor apesar do momento que passam, de desemprego, salário baixo e emprego indesejado.

Deve-se questionar a prioridade dos deputados e senadores para aprovar a nova lei de migrações, parada há quase quatro anos no Senado Federal. Pode-se tentar entender porque trabalhos tão importantes para o bom funcionamento da coletividade são tão desvalorizados e precariamente remunerados.

Algumas deliberações podem ser feitas sobre a pesquisa, os haitianos participantes do estudo eram jovens, e ao chegarem ao Brasil tinham

representações sobre o trabalho um tanto otimistas, com muitas opções de vagas atreladas ao crescimento profissional e educacional. As representações logo mudam, a percepção do trabalho passou a ser que as tarefas eram penosas e difíceis, por serem, muitas vezes, trabalhos que demandam esforço físico e muitas exigências. A baixa remuneração é predominante, o sentimento de injustiça e exploração é compartilhado por todos, mesmo entre os que estavam desempregados, pois já estiveram empregados antes. Reconhecem a mudança de expectativa em relação à ascensão social, dividem a falta de perspectiva em adquirir bens e planejar longas viagens, todos concordam que visitar os parentes vai demorar pelo alto custo das passagens aéreas. No entanto para o futuro compartilham a esperança, a representação do futuro é a esperança que dividem de querer fazer da vida aqui o melhor possível, pensando em trazer a família, estudar e ascender profissionalmente.

As limitações encontradas para desenvolver com maior profundidade esta dissertação foram: a limitação imposta pela dinâmica da entrevista, um período restrito de tempo que o haitiano se dispôs a conversar, e, a desconfiança e resistência que demonstraram que não possibilitou aprofundar em alguns assuntos e entrevistar mais pessoas. Talvez não chegue a ser uma limitação, mas não houve a possibilidade de acompanhar as representações sociais dos haitianos por um período de tempo, colher representações em momentos diferentes seria enriquecedor para a pesquisa. A passagem do tempo tratada foi na percepção do migrante e não no decorrer do tempo. No entanto, tem-se consciência que uma pesquisa assim requereria acompanhamento e uma maior disponibilidade de tempo.

Trabalhos futuros poderiam ser focados em um acompanhamento mais intenso de alguns haitianos com a assimilação deles em períodos diferentes de tempo e o relato desta convivência, o que poderá enriquecer a pesquisa e o conhecimento do pesquisador com a interação e relação com esta comunidade. Mostra-se importante acompanhá-los e unir as expressões com as percepções do pesquisador nas trocas construídas dessa relação.

Ao final da dissertação pode-se considerar que os objetivos foram atingidos, com alguns questionamentos que ficam e a vontade de ter um relato mais otimista para escrever sobre as representações sociais dos haitianos acerca do trabalho no Brasil. A representação social que compartilham, nos três períodos relatados, é um clamor por uma vida mais digna e justa para os migrantes que escolhem o Brasil

para viver. E que seja possível, a esta pesquisa, ser mais uma “voz” no meio de tantas que pedem por um olhar mais atento e cuidadoso aos migrantes estrangeiros que vêm de países pobres e devastados.

REFERÊNCIAS

- Abric, J.C. (1998). A Abordagem Estrutural das Representações Sociais. In: A. S. P. Moreira, D. C. Oliveira (Org.), *Estudos interdisciplinares de representação social*, p. 27-38. Goiânia, GO: Editora AB.
- ACNUR. (2016) Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. Sistema de refúgio brasileiro – desafios e perspectiva. Recuperado em 05 outubro, 2016, de http://www.acnur.org/fileadmin/scripts/doc.php?file=fileadmin/Documentos/portugues/Estatisticas/Sistema_de_Refugio_brasileiro_-_Refugio_em_numeros_-_05_05_2016.
- Azevedo, A. V. S. (2009). A psicologia social, comunitária e social comunitária: definições e objetos de estudo. *Psicologia em foco*, 2(1), 64-72.
- Bauman, Z., (2003). Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro, RJ. Jorge Zahar Ed.
- Brasil, P., (2017). Governo prorroga visto humanitário para haitianos. Portal Brasil. Recuperado em 20 novembro, 2016, de <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2016/09/governo-prorroga-visto-humanitario-para-haitianos>.
- Câmara, I. P.de L. (1998). Em Nome da Democracia: a OEA e a crise haitiana – 1991-1994. Brasília, DF: IRBr/Funag/Centro de Estudos Estrangeiros.
- Camargo, B. V. (2005). Alceste: um programa informático de análise quantitativa de dados textuais. In A. S. P. Moreira, B. V. Camargo, J. C. Jesuíno & M. N. Sheva (Eds.), *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais*, 511-539. João Pessoa, PB: Editora Universitária UFPB.
- Camargo, B. V. & Justo, A. M. (2013). IRaMuTeQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em Psicologia*, 21(2), 513-518.
- Campos, R. D. F. (1996). Psicologia comunitária, cultura e consciência. In R. H. d. F. Campos (12a Ed.), *Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia*, 164-77. Petrópolis, RJ: Vozes.

- Canto, M. (2015). Migração Laboral no Brasil: desafios para Construção de Políticas. *Cadernos OBMigra-Revista Migrações Internacionais*, 1(1).
- Casimir, J. (2012). O Haiti e suas elites: o interminável diálogo de surdos. *Universitas. Relações Internacionais*, 10(2).
- Caivacanti, L., Oliveira, A. T. & Tonhati, T. (2014). A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro. Brasília: *Cadernos do Observatório das Migrações Internacionais*, 1 (2), 35-46.
- Cogo, D. (2013). Haitianos no Brasil: comunicação e interação em redes migratórias transnacionais. *Chasqui-Revista latino-americana de Comunicación*, (125), 23-32.
- Constituição do Estado do Paraná de 1989* (2006). – Curitiba: imprensa oficial. Recuperado em 20 agosto, 2015, de <http://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/listarAtosAno.do?action=iniciarProcesso&tipoAto=10&orgaoUnidade=1100&retiraLista=true&site=1>.
- Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. (1988). Brasília. Recuperado em 10 agosto, 2015, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm.
- Cruz, L. R., Freitas, M. d. F. Q., & Amoretti, J. (2014). Breve história e alguns desafios da psicologia social comunitária. In J. C. Sarriera & E.T. Saforcada (Eds.), *Introdução à Psicologia Comunitária: Bases teóricas e metodológicas*, 76-96. Porto Alegre, RS: Sulina.
- Da Silva, S. A. (2013). Brazil a new eldorado for immigrants?: the case of haitians and the brazilian immigration policy. *Urbanities*, 3(2), 3-18.
- Dantas, S. D., Ueno, L., Leifert, G., & Suguiura, M. (2010). Identidade, migração e suas dimensões psicossociais. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 18(34).
- Dalberto, G. (2015) Para além da colonialidade: os desafios e as possibilidades da transição democrática no Haiti. Ensaio apresentado à CLACSO, como requisito ao prêmio “Jean-Claude Bajeux – Haiti: Direitos Humanos e Perspectivas Democráticas”. Porto Alegre, RS.

De Sá, P. R. C. (2015). As redes sociais de haitianos em Belo Horizonte: análise dos laços relacionais no encaminhamento e ascensão dos migrantes no mercado de trabalho. *Cadernos OBMigra-Revista Migrações Internacionais*. 1(3).

Decreto n.99757 (1990). Brasília. Retifica o Decreto nº 98.602, de 19 de dezembro de 1989, que deu nova redação ao Decreto nº 50.215, de 28 de janeiro de 1961, que promulgou a Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados. Recuperado em 20 de agosto, 2015, de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/D99757.htm

Decreto Estadual nº. 4289 (2012). Curitiba. Institui o Comitê Estadual para Refugiados e Migrantes no Estado do Paraná. Recuperado em 20 de agosto, 2015, de: <http://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/listarAtosAno.do?action=exibir&codAto=66396&codItemAto=497095>.

Escoto, R. (2009). Construção do estado e democratização do Haiti: uma análise das intervenções da ONU sob o enfoque da segurança humana (1993-1996 e 2004-2008). Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, UnB, Brasília, DF.

Fernandes, D., Milesi, R., & Farias, A. (2011). Do Haiti para o Brasil: o novo fluxo migratório. *Cadernos de Debates*, (6), 73-97.

Fernandes, D., & de Castro, M. D. C. G. (2014). A migração haitiana para o Brasil: Resultado da pesquisa no destino. *La migración haitiana hacia Brasil: características, oportunidades y desafíos. Cuadernos Migratorios*, (6), 51-66.

Fernandes, D., & Ribeiro, J. C. (2015). Migração laboral no Brasil: problemáticas e perspectivas. *Cadernos OBMigra-Revista Migrações Internacionais*, 1(1).

Freitas, M. D. F. Q. (1996b). Contribuições da psicologia social e psicologia política ao desenvolvimento da psicologia social comunitária. *Psicologia e sociedade*, (8), 63-82.

Freitas, M. D. F. Q. (1996a). Psicologia na comunidade, psicologia da comunidade e psicologia (social) comunitária – práticas da psicologia em comunidade nas

- décadas de 1960 a 1990, no Brasil. In R. H. d. F. Campos (Ed.), *Psicologia Social Comunitária: da Solidariedade à Autonomia* (pp. 54-80). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Góis, C. W. L. (2003). Psicologia Comunitária. *Universitas ciências da saúde*, 1(2). 277-297.
- Gottardi, A. P. P. (2015). De porto a porto: o eldorado brasileiro na percepção dos imigrantes haitianos em Porto Velho-RO. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Governo do Estado do Paraná – SEJU – DEDIHC (2014). Plano Estadual de Políticas Públicas para Promoção e Defesa dos Direitos de Refugiados, Migrantes e Apátridas do Paraná - 2014/2016. Curitiba, PR.
- Guareschi, P. A. (1996). Relações comunitárias-relações de dominação. In R. H. d. F. Campos (Ed.), *Psicologia Social Comunitária: da Solidariedade à Autonomia* (pp. 81-99). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Human Rights Whatch. World report: 2011: Haiti. (2011). Recuperado em 10 maio, 2016, de: <https://www.hrw.org/americas/haiti>
- Jodelet, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. In: Jodelet, D. (org.). *As Representações sociais* (pp. 17-44). Rio de Janeiro, RJ: Eduerj.
- Lei 6815 de 19 de agosto de 1980* (1980). Define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil, cria o Conselho Nacional de Imigração, Brasília, DF. Recuperado em 25 de fevereiro, 2016, de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6815.htm.
- Mamed, L. H., & de Lima, E. O. (2015). Trabalho, precarização e migração: o processo de recrutamento de haitianos na Amazônia acreana pela agroindústria brasileira-DOI: 10.5801/ncn. v18i1. 2079. *Novos Cadernos NAEA*, 18(1).
- Martin-Baró, I. (1998). El latino indolente. In: I. Martin-Baró. *Psicología de la Liberación*. (pp. 71-101). Madri: Ed. Trotta.
- Martins, S. T. F. (2003). Processo grupal e a questão do poder em Martín-Baró (pp.201-217). *Psicología & Sociedad*, 15(1).

- Matijascic, V. B. (2010). Haiti: uma história de instabilidade política. *Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade*.
- Montero, M. (2004). *Introducción a la psicología comunitaria: Desarrollo, conceptos y procesos* (pp. 31-107). Buenos Aires, Argentina: Editorial Paidós.
- Moscovici, S. (1981). On social representation. In: Forgas, J. P. (Ed.). *Social Cognition* (pp. 181-209). Londres, Inglaterra: Academic Press.
- Moscovici, S. (2012). A psicanálise, sua imagem e seu público (pp. 62-71). Petrópolis. RJ: Vozes.
- Mozine, A. C. S., Freitas, T. D., & Rodrigues, V. M. (2012). Migrações ambientais e direitos humanos: o discurso da mídia de massa e os haitianos na Amazônia. *Trabalho apresentado: 7 Encontro Anual da ANDHEP – Direitos humanos, democracia e diversidade*, 23-25 maio 2012, Curitiba, PR.
- ONU, ACNUR. (1951) Organizações das Nações Unidas. Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. Convenção relativa ao estatuto dos refugiados. Recuperado em 10 de outubro de 2016, de: <http://www.cidadevirtual.pt/acnur/refworld/refworld/legal/instrume/asylum/conv-0.html>.
- Patarra, N. L. (2005). Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas. *São Paulo em Perspectiva*, 19(3), 23-33. Recuperado em 16 de setembro, 2015, de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392005000300002&lng=en&tlang=pt. 10.1590/S0102-88392005000300002.
- Patriota, T. (1994). Relatório da conferência internacional sobre população e desenvolvimento. *Plataforma de Cairo*.
- Pimentel, M. L., & Cotinguiba, G. C. (2014). Wout, rakète, fwontyè, anpil mizè: reflexões sobre os limites da alteridade em relação à imigração haitiana para o Brasil. *Universitas. Relações Internacionais*, 12(1).

- Polli, G. M. (2013). Representações sociais do meio ambiente e da água na mudança de paradigmas ambientais. Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Polli, G. M. & Camargo, B. V. (2010). A teoria das representações sociais e a abordagem estrutural. In: Segata, J.; Machado, N.; Mandroi, E. C. & Goetz, E. R.. (Org.). *Psicologia: Inovações*. Rio do Sul, SC: Editora Unidavi, (1), 13-41.
- Pozzetti, V. C., & Tamer, A. S. (2013). A imigração haitiana e a criminalidade no município de Manaus. *Revista do Direito Público*, 8(3), 55-76.
- Projeto de Lei do Senado n. 288* (2013). Brasília. Recuperado em 30 de junho, 2016 de <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/113700>.
- Queiróz, I., D. & Ferreira, V. (2016). Processo migratório e direitos humanos de imigrantes haitianos residentes em Cuiabá. *Anais do Encontro Internacional e Nacional de Política Social*, (2), 1-16.
- Resolução Normativa n. 97* (2012). Dispõe sobre a concessão do visto permanente previsto no art.16 da lei n.6815, de 19 de agosto de 1980, a nacionais do Haiti. Brasília. Recuperado em 25 de maio, 2015 de <http://acesso.mte.gov.br/data/files/FF8080814F05451F014F413CB5A61180/RN%2097%20-%20consolidada%20pelas%20RNs%20102%20-%20106%20-%20113%20%20e%20117.pdf>
- Sá, C. P. (1996). Núcleo central das representações sociais. Petrópolis: RJ: Vozes.
- Sarriera, J. C. (2014). Análise de necessidades de um grupo ou comunidade: avaliação como processo. In J.C. Sarriera & E.T. Saforcada (Eds.), *Introdução à psicologia comunitária: bases teóricas e metodológicas* (pp.139-152). Porto Alegre, RS: Sulina.
- Sawaia, B. (2013). Comunidade: a apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a humanidade. In R. H. d. F. Campos (Ed.), *Psicologia Social Comunitária: da Solidariedade à Autonomia* (pp.29-43). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Scarparo, H., & Guareschi, N. M. F.(2007). Psicologia social comunitária e formação profissional. *Revista Psicologia & Sociedade*, 19.

- Silva, F. E. A.(2010). Construções do “fracasso” haitiano. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Silva, P. K. M. D. (2014). Seguindo rotas: reflexões para uma etnografia da imigração haitiana no Brasil a partir do contexto de entrada pela tríplice fronteira norte. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, DF, Brasil.
- Silveira, A. F. [et al.] (2007). Cadernos de Psicologia e políticas públicas. Curitiba, PR: Gráfica e editora unificada.
- Souza Neto, D. M. (2012). O Brasil, o Haiti e a MINUSTAH. In: Kenkel, K. M. & Moraes, R.F. (org). O Brasil e as operações de paz em um mundo globalizado: entre a tradição e a inovação. Brasília, DF: IPEA
- Thomaz, D. Z. (2013). Migração haitiana para o Brasil pós-terremoto: indefinição normativa e implicações políticas [Versão eletrônica]. Primeiros Estudos, (4), 131-143.
- Tomich, D. (2009). Pensando o "impensável": Victor Schoelcher e o Haiti. *Mana*, 15(1), 183-212.
- Villen, P. (2012). Polarização do mercado de trabalho e a nova imigração internacional no Brasil. *Rede Estudos do Trabalho*. Marília: Unesp, s/d.
- Zamberlam, J., Corso, G., Bocchi, L. & Cimadon, J.M. (2014). Os novos rostos da imigração haitiana no Brasil – haitianos no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS: Solidus.
- Zanforlin, S. C. (2012). Cidades, migrantes e pertencimentos: a praça kantuta como etnopaisagem intercultural. *Esferas*, (1).

APÊNDICES

APÊNDICE I – Instrumento de coleta de dados - Questionário



Olá! Nós estamos fazendo uma pesquisa para saber o que os migrantes haitianos com e sem curso superior pensavam antes e depois de migrarem para o Brasil sobre o trabalho e o que esperam para o futuro.

Solicitamos que responda algumas questões sobre a sua vida pessoal para conhecê-lo, sem precisar se identificar, somente o pesquisador terá acesso as suas informações e depois elas serão reunidas com as de outras pessoas, de forma que seu sigilo sobre as resposta está garantido. O que informar não será usado individualmente, por isso pedimos que seja o mais sincero possível.

1. Sexo: Feminino Masculino
2. Data de nascimento ____/____/____ Idade: _____
3. Nascimento:
 Haiti Outro país, onde? _____
4. Estado Civil:
 Solteiro(a) Casado(a) Divorciado(a) Outro:

5. Filhos:
 não tenho. 1. 2. 3. Mais de 3. Quantos? _____
6. Responda esta pergunta caso tenha filhos. Onde eles estão?
 no Brasil No Haiti Alguns no Brasil e outros no Haiti.
7. Tem família no Haiti?
 Sim Não
8. Você manda dinheiro para o Haiti?

Sim Não

9. Moradia:

Sozinho Com o cônjuge Com amigos

Outro: _____

10. Renda:

até R\$1.000,00.

de R\$1.001,00 até R\$2.000,00

de R\$2.001,00 até R\$3.000,00

de R\$3.001,00 até R\$5.000,00

de R\$5.001,00 até R\$8.000,00

de R\$8.001,00 até R\$10.000,00

mais de R\$10.001,00.

não tenho renda.

11. Qual é a sua formação?

Ensino fundamental completo Ensino fundamental incompleto.

Ensino médio completo Ensino médio incompleto.

Curso técnico completo Curso técnico incompleto.

Curso superior completo Curso superior incompleto.

Pós-Graduação completa Pós-Graduação incompleta.

(Responda as perguntas 12 e 13 se tem curso superior completo.)

12. Qual curso superior fez? _____

13. Onde fez o curso superior?

Brasil; qual instituição? _____ Haiti. Outro país: qual?

(Responda esta pergunta se você não tem curso superior)

14. Você fez algum curso técnico, ou outro curso que te ensinou alguma profissão?

Não Sim. Qual curso?

15.. Qual a profissão que exercia antes de migrar?

16.. Qual atividade/trabalho exerce agora?

Pedimos agora que de contar com a sua participação para que junto de outros migrantes haitianos ajudarem-nos a identificar as expectativas criadas em relação ao trabalho no Brasil, antes de migrar e depois.

APÊNDICE II – Instrumento de coleta de dados – Roteiro de Entrevista

1. Quando morava no Haiti o que você pensava sobre o trabalho no Brasil?
 2. O que você pensa agora?
 3. O que você espera em relação ao trabalho e oportunidades para o futuro?

APÊNDICE III – Termo de consentimento livre e esclarecido



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título do Projeto: REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA VIDA PROFISSIONAL PÓS-MIGRAÇÃO HAITI VERSUS BRASIL.

Investigadora: Nara Angela dos Anjos

Local da pesquisa: lugar indicado pelo participante

Endereço e telefone (celular): Endereço da Tuiuti: Rua Sydnei Antonio Rangel Santos, 238, tel: 9602-9714

PROpósito DA INFORMAÇÃO AO PACIENTE E DOCUMENTO DE CONSENTIMENTO

Você está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa, coordenada por um profissional agora denominado pesquisador. Para poder participar, é necessário que você leia este documento com atenção. Ele pode conter palavras que você não entenda. Por favor, peça ao responsável pelo estudo para explicar qualquer palavra ou procedimento que você não entenda claramente.

O propósito deste documento é dar a você as informações sobre a pesquisa e, se assinado, dará a sua permissão para participar no estudo. O documento descreve o objetivo, procedimentos, benefícios e eventuais riscos ou desconfortos caso queira participar. Você só deve participar do estudo se você quiser. Você pode se recusar a participar ou se retirar deste estudo a qualquer momento.

PROpósito DO ESTUDO

O propósito do estudo será identificar as relações construídas pelos imigrantes haitianos que vêm para o Brasil a procura de novas oportunidade e trabalho.

SELEÇÃO

Serão incluídos no estudo 30 participantes haitianos de ambos os sexos maiores de 18 anos de idade, e que tenham concluído ou não o curso superior.

Rubrica/Assinatura do

Voluntário

Rubrica/Assinatura do

Responsável em aplicar o Termo

PROCEDIMENTOS

Após a explicação e assinatura deste termo, será aplicado um questionário, com perguntas abertas e fechadas com: levantamento socioeconômico, formação e trabalho antes e após migração. Será feita uma entrevista que será gravada. A entrevista terá a duração, em média, de 45 minutos, será realizada somente em um encontro, num ambiente tranquilo de sua escolha onde se sinta a vontade.

PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA:

Sua decisão em participar deste estudo é voluntária. Você pode decidir não participar do estudo. Uma vez que você decidiu participar do estudo, você pode retirar seu consentimento e participação a qualquer momento. Se você decidir não continuar no estudo e retirar sua participação, você não perderá qualquer benefício ao qual você tem direito.

DECLARAÇÃO DE RISCOS PARA O(A) PARTICIPANTE

A sua participação no estudo pode causar um desconforto, mas nenhum risco adicional.

BENEFÍCIO DO ESTUDO

Você não obterá nenhum benefício pessoal na realização desta entrevista, no entanto, através da pesquisa e perguntas que responderá poderá ajudar outros haitianos e ao governo a planejar políticas públicas para outros imigrantes.

CUSTOS

Não haverá nenhum custo a você relacionado aos procedimentos previstos no estudo. Os custos serão de responsabilidade do pesquisador.

PAGAMENTO PELA PARTICIPAÇÃO

Sua participação é voluntária, portanto você não será pago por sua participação neste estudo.

PERMISSÃO PARA REVISÃO DE REGISTROS, CONFIDENCIALIDADE E ACESSO AOS REGISTROS:

O Investigador responsável pelo estudo irá coletar informações sobre você. Em todos esses registros seu nome não será citado. Todos os dados coletados serão mantidos de forma confidencial. Os dados coletados serão usados para a avaliação do estudo, tendo acesso as pessoas diretamente ligadas a este estudo (Pesquisadora e Orientadora). Os dados também podem ser usados em publicações científicas sobre o assunto pesquisado. Você tem direito de acesso aos seus dados.

CONTATO PARA PERGUNTAS

Se você ou seus parentes tiver (em) alguma dúvida com relação ao estudo, direitos do participante, ou no caso de danos relacionados ao estudo, você deve contatar o Investigador do estudo: Rua Sydnei Antonio Rangel Santos, 238, Mestrado em Psicologia Social Comunitária, tel: 9602-9714. Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como um

participante de pesquisa, você pode contatar Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) do IPO, pelo telefone: (41) 33945791. O CEP trata-se de um grupo de indivíduos com conhecimento científicos que realizam a revisão ética inicial e continuada do estudo de pesquisa para mantê-lo seguro e proteger seus direitos.

Assinatura do
Voluntário

Assinatura do
Responsável em aplicar o Termo
Nara Angela dos Anjos